

**ESCRITOS DE  
SANTA CLARA DE ASSIS**

# Índice

## **Introdução Geral aos escritos de**

<b>Santa Clara</b>	Pág. 3
<b>Regra de Santa Clara</b>	Pág. 7
<b>Testamento de Santa Clara</b>	Pág. 39
<b>Cartas de Santa Clara</b>	Pág. 49
<b>Benção de Santa Clara</b>	Pág. 86

### **NOTA:**

**Para aceder à página respectiva, insira o número desta no rodapé, onde está indicado o número da página actual/ total de páginas.**





## INTRODUÇÃO GERAL AOS ESCRITOS DE SANTA CLARA

*Não raras vezes, como ensina a história, a fama das grandes almas contemplativas ultrapassa os muros dos claustros e, fazendo repercutir no mundo e na Igreja silenciosas experiências místicas, chega a marcar, por vezes de maneira indelével, o ritmo e o rumo do tempo em que viveram.*

*Santa Clara foi, sem dúvida, uma mulher que marcou a sua época. Como primeira mística franciscana, viveu a sua experiência de Deus no silêncio do Mosteiro de São Damião. Mas a claridade das suas virtudes irradiou muito para além dos muros do mosteiro. Disso nos dá conta a Legenda de Celano. Por ela podemos ver como São Damião era um autêntico centro de peregrinações, um refúgio para todos os que, sobrecarregados com tribulações de toda a ordem, recorriam aos remédios espirituais de Santa Clara. A influência, porém, que exerceu no mundo do seu tempo não se confinou a Assis e às suas redondezas. Spaetling, comparando a obra e a influência de Clara com outras mulheres célebres do seu tempo que marcaram posição de destaque na Idade Média, tais como Hildegarda (+1179), a vidente de Rupertusburg, Maria de Oignies (+1213),*

*fundadora de várias casas de beguinhas, Santa Isabel da Turíngia (+1231) e as escritoras místicas Matilde de Magdeburgo (+1258), Matilde de Hackborn (+1259), Gertrudes a Grande (+1302) e Ângela de Foligno (+1309), conclui que Santa Clara influenciou mais do que qualquer outra mulher o mundo e a Igreja do seu tempo, e pertence indubitavelmente às maiores figuras religiosas femininas da Alta Idade Média.*

*Como primeira mística franciscana, fundadora de uma nova Ordem e como mulher influente do seu tempo, não é, pois, de admirar que Santa Clara seja também a primeira escritora da sua Ordem, inaugurando assim uma tradição que iria ser seguida por um grande número de suas filhas que através dos séculos se distinguiram na literatura mística. Infelizmente a quantidade dos escritos que chegaram até nós não corresponde à importância e à influência que Santa Clara teve. Mas por estes poucos escritos e através de documentos contemporâneos podemos afirmar sem receio que Clara era uma mulher inteligente e culta. Chegamos facilmente a esta conclusão se analisarmos o modo como tratava com Papas e Cardeais, a maneira como se impunha às suas irmãs e o ascendente que tinha sobre as pessoas. Além disso sabemos que escreveu em latim, que dominava melhor do que São Francisco, como afirmam alguns. Foi em latim que escreveu a sua Regra, a primeira que uma mulher escreveu e viu aprovada, o que não acontece com outras fundadoras, como Santa Eustáquia, Santa Gertrudes e a beata Umbelina. Se na Regra ela aparece com toda a sua autoridade de fundadora, nela se nota também a sua experiência mística.*

*Mas é no Testamento, e sobretudo nas Cartas, que Clara se manifesta como uma verdadeira escritora mística.*

*É verdade que não tem sido catalogada entre as grandes escritoras místicas, como Santa Teresa de Jesus ou Santa Catarina de Sena. Mas nos poucos escritos que chegaram até nós, as ideias são claras e sobretudo tocam o essencial.*

*Apesar de serem poucos os escritos, Clara de Assis é a santa mais documentada da sua época. Os escritos são poucos, mas pela qualidade e autenticidade histórica, são de grande importância.*





## REGRA DE SANTA CLARA

### **Introdução**

*O Primeiro testemunho escrito sobre a comunidade nascida sob a influência de Francisco, é-nos transmitido por Tiago de Vitry. O capítulo 32 da sua obra Orientalis et Occidentalis Historia é dedicado ao movimento franciscano. Numa das cartas que escreveu de Génova, em 1216, antes de embarcar para o Oriente, relata as impressões que teve do movimento quando passou por Perúsia. A certa altura escreveu: "Apesar de todo o mal que grassa no mundo, encontrei uma grande consolação ao ver uma enorme quantidade de homens e de mulheres a renunciar a todos os bens e a deixar, por amor de Cristo, a vida mundana. Eram vulgarmente chamados "Irmãos menores" e "Irmãs menores". Tanto o Senhor Papa como os cardeais professam uma grande estima por estes irmãos... O género de vida destes Irmãos menores é igual ao da comunidade cristã primitiva, como se lê nos Actos dos Apóstolos: "A multidão dos crentes era um só coração e uma só alma". De dia andavam pelas cidades e aldeias atarefados na evangelização; à noite, regressavam ao ermitério e recolhiam-se à solidão onde levavam vida contemplativa. As mulheres que tinham entrado para esta Ordem põem tudo em comum e residem nos arrabaldes das cidades em hospí-*

*cios e recolhimentos. Tiram o sustento do trabalho das suas mãos, recusando tudo o que seja lucro ou paga" <sup>1</sup>. Este testemunho de Tiago de Vitry mostra-nos como o exemplo de Clara e o estilo de vida que escolheu, arrasou atrás de si muitas mulheres. Viviam segundo o exemplo da comunidade de São Damião. Ao contrário dos irmãos, levavam vida enclausurada, em comunidade, seguindo o santo Evangelho em pobreza e humildade.*

## **1. GÉNESE HISTÓRICA DA REGRA DE SANTA CLARA**

### **1. 1 Antes do Concílio de Latrão (1215)**

*Não se conhece nenhuma regra destes primeiros anos. Sabe-se, contudo, que o mosteiro de São Damião vivia segundo uma "Forma Vivendi" <sup>2</sup>, escrita por São Francisco e que devia ser algo parecida com a primeira regra que Francisco escreveu para os seus frades e que submeteu à aprovação de Inocêncio III. Ambos os escritos desapareceram e só um texto da Regra de Santa Clara nos diz algo sobre essa "Forma Vivendi". Esse texto, que nos aparece na Regra, já nos dá conta de dois aspectos aos quais Clara desde o princípio ligou muita importância e pelos quais lutou durante toda a*

---

<sup>1</sup> *Fontes I*, p. 1413.

<sup>2</sup> A "Forma Vivendi" era certamente mais do que o texto do cap. VI, 2 da *Regra de Santa Clara*. Este é o único fragmento que nos foi legado.

*vida: A pobreza e a ligação espiritual aos Frades Menores.*

## **1. 2 Depois do Concílio de Latrão**

*O problema de professar ou não uma regra, pôs-se sobretudo a partir do IV Concílio de Latrão. Segundo as orientações do Concílio<sup>3</sup>, todas as novas Ordens eram obrigadas a adoptar uma das Regras já existentes. Na prática significava optar entre a Regra de Santo Agostinho e a de São Bento. Só São Francisco, que já contava com a a provação oral da sua Regra por Inocência III, salvou a originalidade da Ordem que acabava de fundar. Parece não restarem dúvidas de que a comunidade de São Damião professou a Regra de São Bento. A determinação com que São Francisco obriga Santa Clara a aceitar o título de abadessa, faz supor que a Regra de São Bento serviu de suporte jurídico à nova comunidade.*

## **1. 3 O Privilégio da Pobreza**

*Apesar de ter professado a Regra de São Bento, Santa Clara pretende conservar a especificidade da sua fundação e pede ao Papa Inocência III o Privilégio da Pobreza, em 1216. Este documento legitima a comunidade de São Damião e todas aquelas que o aceitem a viver na mais estrita pobreza, uma vez que supõe a renúncia a toda a propriedade, mesmo em nome comu-*

---

<sup>3</sup> Can. XIII.

*nitário, o que ultrapassava as exigências da Regra de São Bento*<sup>4</sup>. *Santa Clara segue, na questão da pobreza, a espiritualidade de São Francisco, embora se deva ter em conta que a sua concretização prática, numa comunidade de vida activa e num mosteiro de vida contemplativa, apresenta aspectos completamente diferentes.*

#### **1. 4 A Regra de Hugolino**

*Entretanto apareciam novas comunidades, quase todas nascidas sob a inspiração de Santa Clara, mas com total independência umas das outras. Na verdade, poucos são os mosteiros fundados sob a influência directa de São Damião. Preocupado em dar forma canónica a todas as comunidades que iam surgindo, o Cardeal Hugolino solicitara ao Papa Honório III faculdades para o efeito. Assim, a partir de 1219, ao lado da Regra de São Bento, temos as disposições de Hugolino, que são uma autêntica regra. Parece não haver dúvidas que entre 1219 e 1247, todos os mosteiros fundados sob a inspiração de São Damião, professaram a Regra de Hugolino*<sup>5</sup>.

*Apesar de todas as comunidades terem professado a Regra de Hugolino, algumas mantiveram certas particularidades. Havia as comunidades que aplicavam o Privilégio da Pobreza. Noutras os jejuns eram diferentes, por exemplo em São Damião, como podemos deduzir pela terceira carta de Santa Clara a Inês de Praga.*

---

<sup>4</sup> Sobre o *Privilégio da Pobreza* Cf. FFII, p. 291-295.

<sup>5</sup> Sobre a *Regra de Hugolino*, cf. FFII, p. 307-319.

*Mas não foi o rigor do jejum ou da clausura que desagradou à santa. Foi o problema da pobreza que a inquietou. Alguns mosteiros começam a aceitar bens para propriedade comum. O próprio Cardeal Hugolino ofereceu bens a vários mosteiros, inclusive a São Damião. Por outro lado, também o problema da assistência espiritual não estava resolvido com a Regra de Hugolino.*

### **1. 5 A Regra de Inocêncio IV**

*Nestas circunstâncias, alarmada com o facto de tantos mosteiros aceitarem propriedades, Santa Clara pede a confirmação do Privilégio da Pobreza, outorgado pelo Papa Inocêncio III em 1216. Essa confirmação é-lhe concedida a 16 de Setembro de 1228. Pouco depois, o Privilégio da Pobreza foi aceite por alguns mosteiros, nomeadamente o de Monteluze de Perúsia e Monticelli de Florença e pelo de Praga, dez anos mais tarde<sup>6</sup>. Apesar disso, os abusos não terminaram e a maior parte dos mosteiros continuou a aceitar rendas e possessões. Por outro lado, muitos mosteiros tinham obtido dispensa do rigor dos jejuns prescritos na Regra de Hugolino. Além disso, uma vez constituída a Ordem dos Frades Menores, a santa insistia em que a assistência espiritual lhe fosse confiada<sup>7</sup>. É assim que Inocên-*

---

<sup>6</sup> Cf. FFII, p. 465-466. Sobre a Regra de Inocêncio III, cf. FFII, p. 323-339.

<sup>7</sup> O primeiro visitador das clarissas foi Fr. Ambrósio, cisterciense. O primeiro franciscano nomeado visitador enquanto São Francisco estava no Oriente e contra sua vontade foi Fr. Filipe Longo. No re-

*cio IV, depois de em 1245 confirmar todo o rigor da Regra de Hugolino, promulga em 1247 uma nova regra, conhecida pela Regra Inocenciana. Nela, Santa Clara vê confirmado um dos pontos pelos quais sempre lutou, a ligação espiritual das Clarissas à Ordem dos Frades Menores. Pela primeira vez foi suprimida qualquer ligação à Regra de São Bento e as Clarissas ficaram com direito de professar a Regra de São Francisco no que aos votos diz respeito, ficando, no resto, obrigadas a seguir as disposições da Regra de Inocência IV. Quanto à questão da pobreza, a nova regra não satisfazia as aspirações de Clara, uma vez que continuava a permitir a propriedade em comum.*

## **2. REGRA DE SANTA CLARA**

### **2.1 Introdução**

*Talvez por esta razão, a Regra de Inocência IV não tenha resistido aos protestos que de vários lados se fizeram ouvir, sobretudo vindos de São Damião. Inocência IV ainda tentou impôr a regra a todos os mosteiros, mas a 6 de Junho de 1250, declarou que não era sua intenção impô-la com obrigatoriedade. É nesta altura que Santa Clara sente o ambiente propício par unificar a observância de todos os mosteiros debaixo*

---

gresso de São Francisco foi convidado a renunciar. Para o seu lugar foi nomeado Fr. Pacífico, o "rei dos versos" (EP 100). Por carta do Cardeal Reinaldo, Fr. Filipe é novamente nomeado para suceder a Fr. Pacífico.

*duma mesma regra composta por ela, tendo por base as normas recebidas de São Francisco e como modelo a Regra dos Frades Menores. É opinião comum que Santa Clara começou a escrever a regra em 1247 e que já em 1251 ela era observada em São Damião* <sup>8</sup>.

## **2. 2 Características da Regra de Santa Clara**

*Em primeiro lugar ressalta a dependência da Regra de Santa Clara em relação à de São Francisco. Com efeito, a regra escrita por Clara segue os princípios fundamentais da Regra dos Frades Menores. Muitas vezes a formulação é mesmo igual. Assim temos o seguimento evangélico, a obediência à Igreja, a exigência da pobreza e a vida em fraternidade como afirmações fundamentais, comuns às duas Regras. Por isso podemos dizer que São Francisco é o inspirador espiritual da Regra de Santa Clara.*

*Não admira, pois, que não encontremos na regra escrita por Santa Clara e inspirada na espiritualidade de São Francisco, a rigidez jurídica que encontramos nas Regras de Hugolino, de Inocêncio IV e mais tarde na de Urbano IV. A Regra de Santa Clara é muito mais flexível e humana. Toda ela é perpassada por um grande respeito pela pessoa da irmã, o mesmo é dizer pelo Espírito do Senhor e sua santa operação. Espírito que pode actuar tanto a partir dos mais doutos e sábios,*

---

<sup>8</sup> Durante muito tempo considerou-se São Francisco como o autor da *Regra de Santa Clara*. Segundo Waddingo o autor é São Francisco e a regra teria sido escrita em 1224.

*como através dos mais simples e ignorantes*<sup>9</sup>. Daí a preocupação em acentuar tanto a corresponsabilidade fraterna, bem visível na importância que dá ao capítulo conventual como espaço de diálogo e de correção fraterna. Todos estes aspectos têm alguma coisa a ver com a espiritualidade de São Francisco.

*Mas a regra que Santa Clara escreveu não é uma cópia da Regra dos Frades Menores. Santa Clara soube adaptá-la às exigências da psicologia feminina e da vida contemplativa. Assim resolveu o problema do uso do dinheiro de maneira diferente, deu mais rigor às disposições sobre o jejum e sobre as admissões, modificou todos os pontos referentes ao apostolado e organização da Ordem, tendo em conta que cada mosteiro era "sui juris", sem qualquer elemento moderador a não ser o Cardeal Protector e o Visitador. Não procurou imitar sequer os tipos de vinculação monástica vigentes na época. Na realidade, apesar da dependência substancial da Regra de Santa Clara em relação à de São Francisco, Santa Clara aparece como autêntica autora da sua Regra, espelhando esta certas particularidades organizativas que desde o início marcaram a Ordem de Santa Clara.*

*Mas mesmo na parte da espiritualidade, a Regra de Santa Clara apresenta algumas particularidades que manifestam uma maneira peculiar de viver a espiritualidade franciscana. No centro está, tal como em São Francisco, a pobreza e a humildade de Nosso Senhor Jesus Cristo. No entanto, Clara sente a necessidade de*

---

<sup>9</sup> RCL IV, 17.

*lhe dar um cunho mais feminino. Assim, associa de maneira mais sistemática a figura de Maria à do seu Filho. Também ela quer seguir as pegadas de Jesus, mas não ao jeito dos Frades Menores, calcorreando os caminhos do mundo em viagens apostólicas. Acentua mais o seguimento de Jesus Cristo no seu mistério de despojamento, sentindo uma compaixão muito particular pelo Divino Esposo, Cristo pobre e humilde que ela contempla no presépio de Belém, envolto em pobres paninhos, no silêncio de Nazaré, no deserto da Quaresma e no madeiro da Cruz, morto pelos nossos pecados. Procura seguir Cristo ao jeito de Francisco, mas o Francisco dos "Carceri" e de Fonte Colombo. É este o cunho particular que transparece em todos os seus escritos, na Regra, no Testamento e duma maneira particular nas Cartas em que Clara inaugura um estilo de vida que é novidade na Igreja. A Comunidade de São Damião rompe com as formas e tradições monásticas. Ali não há estruturas verticais, nem classes sociais, nem privilégios. Há só o privilégio de ser pobre, sendo Cristo e Sua Mãe Pobrezinha os únicos modelos.*

*Sobre o desenvolvimento posterior, depois da morte de Santa Clara, leia-se as Fontes Franciscanas II.*



## REGRA DE SANTA CLARA (RCL)

### **Bula do Papa Inocêncio IV**

<sup>1</sup> Inocêncio, bispo, servo dos servos de Deus, <sup>2</sup> às dilectas filhas em Cristo, abadessa Clara e às outras irmãs do Mosteiro de São Damião, em Assis, saúde e benção apostólica.

<sup>3</sup> Costuma a Sé Apostólica atender os piedosos rogos e deferir com benevolência os pedidos honestos dos que a ela recorrem. <sup>4</sup> Temos presente a humilde petição que da vossa parte nos foi dirigida. <sup>5</sup> Pedis que vos confirme, com autoridade apostólica, a forma de vida, segundo a qual deveis viver em comum, na unidade de espírito e sob o voto da altíssima pobreza. <sup>6</sup> Esta forma de vida que vos foi dada pelo bem-aventurado Francisco e por vós espontaneamente assumida, <sup>7</sup> foi aprovada pelo nosso venerável irmão, o Bispo de Óstia e Velletri, como consta claramente da sua carta episcopal.

<sup>8</sup> Acedendo ao vosso humilde pedido e aceitando por justo e bom quanto foi feito pelo mesmo bispo, confirmamos com autoridade apostólica e tudo corroboramos com a força do presente documento, <sup>9</sup> no qual inserimos o texto da referida carta, cujo teor é o seguinte:

<sup>10</sup> Reinaldo, pela misericórdia divina, Bispo de Óstia e Velletri, à sua caríssima mãe e filha em Cristo, a senhora Clara, abadessa de São Damião em Assis, <sup>11</sup> e às suas irmãs, tanto presentes como futuras, saúde e bênção apostólica.

<sup>12</sup> Uma vez que vós, queridas filhas em Cristo, desprezando as pompas e delícias do mundo <sup>13</sup> e seguindo as pegadas do mesmo Cristo e de sua Santíssima Mãe, optastes por uma vida em clausura, consagrando-vos ao Senhor na mais alta pobreza a fim de O servirdes com mais liberdade de espírito, <sup>14</sup> nós, louvando o vosso santo propósito, de boa vontade e com afecto paternal queremos anuir com benevolência aos vossos rogos e santos desejos.

<sup>15</sup> Por isso, propensos a secundar as vossas piedosas súplicas, confirmamos para sempre, com a autoridade do Senhor Papa e a nossa, e corroboramos com o presente escrito, para vós e para todas as que vos sucederem nesse mosteiro, <sup>16</sup> a forma de vida e o modo de santa unidade e altíssima pobreza que o bem-aventurado Pai São Francisco, oralmente e por escrito, vos deu a observar e que está inserto neste documento.

<sup>17</sup> A Regra é esta:

# REGRA E VIDA DAS SENHORAS POBRES

## CAPÍTULO I

### **Em nome do Senhor, começa a forma de vida das irmãs pobres <sup>1</sup>**

<sup>1</sup> A forma de vida da Ordem das Irmãs Pobres, que São Francisco <sup>2</sup> instituiu é esta:

<sup>2</sup> Observar o santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, vivendo em obediência, sem próprio e em castidade (cf. Mt 19, 22).

<sup>3</sup> Clara, indigna serva de Cristo e plantazinha do bem-aventurado Francisco, promete obediência e reverência ao Senhor Papa Inocêncio e a seus sucessores canonicamente eleitos e à Igreja Romana.

<sup>4</sup> E assim como no princípio da sua conversão ela e suas irmãs prometeram obediência ao bem-aventurado Francisco, da mesma maneira promete obediência inviolável aos seus sucessores. <sup>5</sup>E as outras irmãs estejam sempre obrigadas a obedecer ao sucessor do bem-aventurado Francisco, à Irmã Clara e às demais abadesas suas sucessoras, canonicamente eleitas.

---

<sup>1</sup> Irmãs pobres. O nome que Clara dá à sua Ordem resume o seu carisma. A pobreza e o amor fraterno são as características da Segunda Ordem. Tiago de Vitry tratava-as por “Irmãs Menores” (FF I, p. 1413).

<sup>2</sup> Logo no princípio da Regra de Clara afirma-se a paternidade de São Francisco sobre a Ordem das Irmãs Pobres.

## CAPÍTULO II

### **Das que querem abraçar esta vida e de como devem ser recebidas**

<sup>1</sup> Se alguém, por inspiração divina, vier ter conosco, com intenção de abraçar esta vida, a abadessa está obrigada a pedir o consentimento de todas as irmãs <sup>3</sup>.

<sup>2</sup> Se a maioria se mostrar favorável, a abadessa, obtida licença do Senhor Cardeal-Protector, pode recebê-la.

<sup>3</sup> Se lhe parecer aceitável, examine-a ou faça-a examinar com diligência acerca da fé católica e dos sacramentos da Igreja. <sup>4</sup> E se ela crer todas estas coisas e as quiser professar com fidelidade e observar com firmeza até ao fim, <sup>5</sup> e se não tem marido – ou se o tem, ele, com autorização do seu bispo, já tiver entrado num convento e feito o voto de continência – <sup>6</sup> e ainda se não está impedida de observar esta vida, por causa da idade avançada, ou alguma doença física ou mental, <sup>7</sup> então, com toda a diligência exponha-se-lhe o teor da nossa vida.

<sup>8</sup> Se for achada idónea, diga-se-lhe a palavra do Santo Evangelho que diz que vá e venda todas as suas coisas e as reparta pelos pobres (Mt 19, 21). <sup>9</sup> Mas se não o puder fazer, basta-lhe a boa vontade.

<sup>10</sup> A abadessa e suas irmãs não ponham cuidados nos seus bens temporais, a fim de que ela os distribua

---

<sup>3</sup> Enquanto na Regra de São Francisco(2R2, 1) se afirma que só o Provincial tem competência para admitir à Ordem, aqui Santa Clara afirma que isso é competência de todas as irmãs.

como o Senhor lhe inspirar. <sup>11</sup> Mas, se pedir conselho, enviem-na a pessoas prudentes e tementes a Deus, que bem a aconselhem a repartir os seus bens pelos pobres.

<sup>12</sup> Depois, cortados os cabelos em redondo e depositas as vestes seculares, dê-lhe a abadessa três túnicas e um manto. <sup>13</sup> A partir desse momento não lhe é permitido deixar o mosteiro sem motivo útil, razoável, evidente e aceitável <sup>4</sup>.

<sup>14</sup> Acabado o ano de prova, seja recebida à obediência, prometendo observar para sempre a vida e forma da nossa pobreza. <sup>15</sup> Durante o tempo de provação não é permitido o uso do véu. <sup>16</sup> Para maior comodidade e decoro, as irmãs podem usar aventais nos serviços e durante o trabalho. <sup>17</sup> A abadessa providencie com discricção quanto às roupas, segundo a natureza da pessoa, o local, o tempo e as regiões frias, como vir que as necessidades o exigem <sup>18</sup> Às jovens que forem admitidas sem idade canónica, sejam cortados os cabelos em redondo. <sup>19</sup> E depositas as vestes seculares, dêem-lhes vestes religiosas, segundo o parecer da abadessa. <sup>20</sup> Logo que alcancem a idade canónica, vistam-se como as demais e façam a sua profissão.

<sup>21</sup> A abadessa cuide de encontrar, entre as irmãs mais prudentes do mosteiro, uma mestra para estas e outras noviças, <sup>22</sup> que as instrua diligentemente na santa vida comum e nos bons costumes, segundo a forma da nossa profissão. <sup>23</sup> No exame e admissão das irmãs que prestam serviço fora do mosteiro, devem observar-se as

---

<sup>4</sup> Em relação às saídas da clausura Santa Clara tem um único critério, o do bom senso, o que difere muito de outras regras da época, muito mais restritas neste campo.

mesmas normas acima indicadas. No entanto, estas podem usar calçado.

<sup>24</sup> Nenhuma pode morar connosco no mosteiro, sem antes ser recebida segundo a forma da nossa profissão.

<sup>25</sup> Por amor do santíssimo e dilectíssimo Menino envolto em pobres panos e reclinado no presépio, e de sua Santíssima Mãe, admoesto, suplico e exorto as minhas irmãs que se vistam com trajas pobrezinhos.

### CAPÍTULO III

#### **Do Ofício Divino, do Jejum, da Confissão e da Comunhão**

<sup>1</sup> As irmãs que sabem ler, rezem o Ofício Divino segundo o costume dos Frades Menores, lendo-o sem música. Por isso podem ter Breviários. <sup>2</sup> Aquelas que, por motivo razoável, não puderem recitar o Ofício Divino, rezem os Pai-nossos, como as outras irmãs. <sup>3</sup> E as que não sabem ler, rezem vinte e quatro Pai-nossos por Matinas; cinco por Laudes; <sup>4</sup> sete por Prima, Tércia, Sexta e Noa; por Vésperas doze e sete por Completas. <sup>5</sup> Pelos defuntos rezem também sete Pai-nossos com "Requiem aeternam" na hora de Vésperas e doze na de Matinas. <sup>6</sup> As irmãs que sabem ler, devem rezar o Ofício de Defuntos. <sup>7</sup> Quando alguma irmã do mosteiro falecer, rezem cinquenta Pai-nossos <sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> A Regra de Clara não estabelece nenhuma classe de irmãs. Na questão do Ofício divino a distinção é entre as que sabem ler e as que não sabem, independentemente do estatuto social que tinham antes de entrar.

<sup>8</sup> As irmãs devem jejuar em todo o tempo. <sup>9</sup> Porém, na festa do Natal do Senhor, seja qual for o dia da semana, podem tomar duas refeições. <sup>10</sup> Segundo o parecer da abadessa, sejam compassivamente dispensadas do jejum, as mais jovens, as doentes e as que fazem serviço fora do mosteiro. <sup>11</sup> Mas quando houver manifesta necessidade, as irmãs não sejam obrigadas ao jejum corporal.

<sup>12</sup> As irmãs, com consentimento da abadessa, confessem-se pelo menos doze vezes ao ano. <sup>13</sup> Nessa altura evitem qualquer assunto estranho à confissão e ao bem da sua alma.

<sup>14</sup> Comunguem sete vezes por ano, a saber: no dia do Natal do Senhor, na Quinta-feira Santa, na Páscoa, no Pentecostes, na Assunção de Nossa Senhora, na festa de São Francisco e no dia de Todos-os-Santos <sup>6</sup>. <sup>15</sup> Para poder distribuir a Comunhão tanto às sãs como às doentes, o capelão pode celebrar dentro da clausura.

## CAPÍTULO IV

### **Da eleição e do ofício da Abadessa, do Capítulo, das Irmãs que exercem cargos e das Irmãs do Conselho**

<sup>1</sup> Na eleição da abadessa, as irmãs observarão as normas do Direito Canónico.

<sup>2</sup> Mas procurem com diligência de ter o Ministro Geral ou Provincial da Ordem dos Frades Menores, <sup>3</sup> que as exorte com a Palavra de Deus em ordem à perfeita

---

<sup>6</sup> Na época esta era a frequência eucarística máxima que era permitida.

concordia e ao bem comum a ter em conta ao realizar a eleição. <sup>4</sup> A eleição deve recair numa irmã professa. <sup>5</sup> Se uma irmã sem votos for eleita ou de alguma maneira nomeada, não se lhe preste obediência, sem primeiro ter professado a forma da nossa pobreza. <sup>6</sup> No caso da morte da abadessa, deve eleger-se outra para seu lugar.

<sup>7</sup> E se em alguma ocasião parecer à totalidade das irmãs que a abadessa não é capaz para o cargo e bem comum de todas, <sup>8</sup> são obrigadas as ditas irmãs, no mais curto espaço de tempo, a eleger outra abadessa e mãe, segundo a forma prevista.

<sup>9</sup> E pondere a eleita o fardo que sobre si recai e a quem terá que prestar contas da grei que lhe é confiada. <sup>10</sup> Deve esforçar-se por se impor às outras, mais pela virtude e por uma vida santa, do que pela autoridade do cargo, para que as irmãs, motivadas pelo seu exemplo, lhe obedeçam, mais por amor que por temor. <sup>11</sup> Mantenha-se livre de amizades exclusivas, para que não aconteça que, amando mais umas que outras, escandalize a todas. <sup>12</sup> Console as aflitas e seja o último refúgio das atribuladas, não vá acontecer que faltando com os remédios salutareis, delas se apodere o desespero.

<sup>13</sup> Observe em tudo a vida comunitária, de maneira especial na igreja, no dormitório, no refeitório e na forma de vestir. <sup>14</sup> O mesmo deve observar também a vigária <sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Os atributos que Clara aplica à abadessa são os mesmos que Celano (2 C 185) atribui aos ministros. Mas o último parágrafo sobre o exemplo que a abadessa deve dar na vida comunitária, sem privilégios, nem distinções, é de Clara e espelha o que ela era na realidade.

<sup>15</sup> A abadessa deve convocar as irmãs a capítulo, pelo menos uma vez por semana. <sup>16</sup> Aí, tanto ela como as outras irmãs, devem confessar com toda a humildade as faltas e negligências públicas e comuns. <sup>17</sup> Os assuntos respeitantes à utilidade e bem espiritual da comunidade, devem ser tratados em capítulo. <sup>18</sup> Com efeito, muitas vezes é ao mais pequenino que o Senhor revela aquilo que mais convém <sup>8</sup>.

<sup>19</sup> Não se contraiam dívidas pesadas a não ser com o comum consentimento das irmãs e em caso de manifesta necessidade; e neste caso só por intermédio dum procurador. <sup>20</sup> Evite a abadessa e as demais irmãs receber qualquer depósito de outrem no mosteiro. <sup>21</sup> Muitas vezes isto é causa de complicações e escândalo.

<sup>22</sup> Para se conservar a unidade do amor mútuo e da paz, a eleição das responsáveis para os cargos comunitários seja feita com o comum acordo de todas as irmãs. <sup>23</sup> Do mesmo modo sejam eleitas pelo menos oito de entre as mais idóneas, às quais a abadessa deve sempre pedir conselho nos assuntos que dizem respeito à nossa forma de vida.

<sup>24</sup> E as irmãs, se lhes parecer útil e conveniente, podem e devem mesmo, alguma vez, remover do cargo as responsáveis e eleger outras para o seu lugar.

---

<sup>8</sup> Esta expressão vem da regra de S. Bento (3, 3). Onde São Bento escreve “o mais jovem”, Santa Clara põe “o mais pequenino”.

## CAPÍTULO V

### Do Silêncio, do Locutório e da Grade

<sup>1</sup> As irmãs guardem silêncio desde a hora de Completas até à hora de Tércia. Só estão dispensadas as irmãs que trabalham fora do mosteiro. <sup>2</sup> Guardem também sempre silêncio na igreja, no dormitório e no refectório, mas aqui só durante as refeições. <sup>3</sup> Na enfermaria é lícito às irmãs falarem de maneira discreta, para distração e serviço das irmãs enfermas. <sup>4</sup> Todavia, podem, sempre e em qualquer lugar, comunicar em poucas palavras e em voz baixa o que parecer necessário.

<sup>5</sup> Sem licença da abadessa ou da vigária, não é lícito às irmãs falarem com alguém no locutório ou na grade. <sup>6</sup> E as que obtiverem licença para falar no locutório, não o façam senão na presença de duas irmãs que as possam acompanhar.

<sup>7</sup> Não poderão falar às grades, a não ser acompanhadas de três irmãs designadas pela abadessa ou sua vigária de entre as oito escolhidas por todas as irmãs para o conselho da abadessa. <sup>8</sup> A abadessa e a vigária também estão obrigadas a observar esta maneira de proceder.

<sup>9</sup> Rarissimamente se vá à grade para conversar e nunca à portaria. <sup>10</sup> No interior da grade deve colocar-se uma cortina. Esta só se deve correr quando é anunciada a Palavra de Deus, ou quando alguma irmã tiver de falar com alguém. <sup>11</sup> Além disso terá também uma porta de madeira com duas fechaduras de ferro diferentes e muito segura nos batentes e nos ferrolhos. <sup>12</sup> Deve fechar-se, sobretudo durante a noite, com duas chaves, das quais uma seja guardada pela abadessa e outra

pela sacristã. <sup>13</sup> Esta porta esteja sempre fechada, excepto quando assistem ao Ofício Divino, ou nas ocasiões acima mencionadas. <sup>14</sup> Nenhuma irmã pode falar à grade com alguém antes do sol nascer e depois do sol posto.

<sup>15</sup> No locutório haja sempre do lado de dentro uma cortina que nunca deve ser afastada.

<sup>16</sup> Durante a quaresma de São Martinho e na Quaresma Maior nenhuma irmã fale ao locutório, <sup>17</sup>excepto com algum sacerdote por motivo de confissão ou outra manifesta necessidade, cabendo a decisão ao prudente juízo da abadessa ou da vigária.

## CAPÍTULO VI

### **Da renúncia a toda a propriedade**

<sup>1</sup> Depois que o altíssimo Pai Celestial se dignou iluminar o meu coração com a sua graça, para que eu, segundo o exemplo e as instruções do bem-aventurado Pai São Francisco, fizesse penitência, pouco depois da sua conversão, prometi-lhe voluntariamente obediência, juntamente com minhas irmãs <sup>9</sup>.

<sup>2</sup> Considerando o bem-aventurado Pai que não temíamos nenhuma espécie de pobreza, nem trabalho ou tribulação, nem opróbrio ou desprezo deste mundo,

---

<sup>9</sup> Com o capítulo VI entramos no coração da Regra de Santa Clara. Vai até ao capítulo X. Aqui ela expõe o fundamental da sua identidade carismática. Não é por acaso que são inseridos aqui os dois fragmentos que São Francisco escreveu para as suas irmãs, a *Forma de Vida* (6, 3-4), talvez o escrito mais antigo de S. Francisco e a *Última Vontade* (6, 7-9)

mas, que pelo contrário, tudo considerávamos como grande prazer, movido por grande piedade, escreveu-nos a forma de vida nestes termos:

<sup>3</sup> "Pois que, por inspiração divina vos fizestes filhas e servas do altíssimo e soberano Rei e Pai Celestial, e vos tornastes esposas do Espírito Santo, abraçando uma vida conforme a perfeição do Santo Evangelho, <sup>4</sup>eu quero e prometo, em meu nome e em nome dos meus irmãos, ter sempre para convosco, como tenho para com eles, diligente cuidado e solicitude particular".

<sup>5</sup> Isto cumpriu fielmente enquanto viveu e quis que o mesmo fizessem seus irmãos.

<sup>6</sup> E para que nem nós, nem as que nos não-de suceder nos desviássemos da altíssima pobreza que abraçámos, pouco antes de morrer, novamente nos escreveu a sua última vontade: <sup>7</sup> "Eu, o pequeno irmão Francisco, quero seguir a vida e a pobreza do nosso altíssimo Senhor Jesus Cristo e da sua Santíssima Mãe e perseverar nela até ao fim, <sup>8</sup> e rogo-vos, minhas senhoras e vos aconselho que vivais sempre nesta santíssima vida e pobreza. <sup>9</sup> E conservai-vos muito atentas para que de nenhum modo jamais vos afasteis dela, por ensinamentos ou conselhos, donde quer que venham".

<sup>10</sup> E tal como eu e minhas irmãs sempre nos empenhámos em guardar a santa pobreza que prometemos ao Senhor Deus e ao bem-aventurado Francisco, <sup>11</sup> assim também as abadessas que me sucederem no ofício e todas as irmãs se sintam obrigadas a observá-la inviolavelmente até ao fim.

<sup>12</sup> Por isso, não possuam nem recebam por si ou por interposta pessoa, <sup>13</sup> algum domínio ou propriedade ou

alguma coisa que razoavelmente possa ser considerada como tal.

<sup>14</sup> Só podem ter aquela porção de terra que honestamente se achar necessário para o decoro e isolamento do mosteiro, <sup>15</sup> a qual não poderá ser cultivada senão como horta para satisfazer as necessidades da comunidade.

## CAPÍTULO VII

### **Do trabalho e da esmola**

<sup>1</sup> As irmãs a quem o Senhor deu a graça de trabalhar, ocupem-se fiel e devotamente, depois da hora de Tércia, num trabalho honesto e de utilidade comum.

<sup>2</sup> Façam-no de tal maneira que evitem a ociosidade, inimiga da alma, mas não apaguem o espírito da santa oração (1Ts 5, 19) e devoção ao qual todas as demais coisas temporais devem servir.

<sup>3</sup> Os trabalhos manuais devem ser distribuídos pela abadessa ou vigária, em capítulo, na presença de todas.  
<sup>4</sup> O mesmo se faça quando se receber alguma esmola para as necessidades das irmãs, para que, em comunidade, se faça memória do benfeitor. <sup>5</sup> E todas estas dádivas sejam distribuídas pela abadessa ou sua vigária para utilidade comum, ouvido o parecer das discretas.

## CAPÍTULO VIII

### **Do pedir esmola, da pobreza e das irmãs enfermas**

<sup>1</sup> As irmãs nada tenham de seu, nem casa, nem lugar, nem coisa alguma. <sup>2</sup> Como peregrinas e estrangeiras (cf. Gen 23, 4; Sl 38, 13; 1 Pe 2, 11) servindo o Senhor em pobreza e humildade, com muita confiança, sejam enviadas a pedir esmola. <sup>3</sup> E não devem ter vergonha, porque também o Senhor por nós se fez pobre neste mundo (2Cor 8, 9). <sup>4</sup> Esta é a excelência da altíssima pobreza, que a vós minhas irmãs caríssimas, vos constituiu herdeiras e rainhas do Reino dos Céus, fez-vos pobres das coisas temporais e enobreceu-vos de virtudes (Tg 2, 5). <sup>5</sup> Seja esta herança que vos leve à terra dos vivos (Sl 141, 6). <sup>6</sup> Apegai-vos bem a ela, minhas queridas irmãs, e nenhuma outra coisa, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo e sua Santíssima Mãe, jamais queirais ter debaixo do céu.

<sup>7</sup> Não seja lícito a nenhuma irmã enviar cartas, receber alguma coisa ou dá-la para fora do mosteiro, sem licença da abadessa.

<sup>8</sup> Nenhuma irmã deve guardar seja o que for que não tenha sido dado pela abadessa ou que esta tenha autorizado a guardar.

<sup>9</sup> E quando alguma irmã receber alguma coisa da família ou de outra pessoa, cuide a abadessa que lhe seja entregue. <sup>10</sup> Se a irmã tiver necessidade, pode dispor dessa oferta, se não, deve partilhá-la em espírito de caridade, com uma irmã mais necessitada.

<sup>11</sup> Mas se a oferta for em dinheiro, a abadessa, ouvido o Conselho, providencie para que reverta em benefício da irmã.

<sup>12</sup> No tocante às irmãs enfermas, a abadessa seja firmemente obrigada a informar-se, por si ou através de outras irmãs, sobre as suas necessidades. Com caridade e misericórdia, segundo as possibilidades dos lugares, <sup>13</sup> providencie para que nada lhes falte, quer em conselhos, quer em alimentação, quer noutra coisa que a doença exija.

<sup>14</sup> Todas as irmãs devem cuidar e servir as irmãs doentes como desejariam ser servidas, caso se encontrassem na mesma situação (cf. Mt 7, 12).

<sup>15</sup> Confiadamente manifestem uma à outra as suas necessidades; <sup>16</sup> pois, se a mãe ama e cria com tanto amor a sua filha carnal, com quanto mais carinho não deve cada qual amar e ajudar a sua irmã espiritual (1Ts 2, 7).

<sup>17</sup> As doentes é bem que durmam em enxergões de palha e podem usar travesseiros de penas. <sup>18</sup> Em caso de necessidade, podem usar pantufas e meias de lã. <sup>19</sup> Quando as irmãs doentes receberem visitas de fora, podem atendê-las individualmente, com brevidade, usando palavras edificantes.

<sup>20</sup> As outras irmãs que obtiverem licença de falar com as pessoas que assim entrem no mosteiro, não o façam sem a presença de duas irmãs conselheiras, nomeadas pela abadessa ou sua vigária.

<sup>21</sup> A mesma forma de falar deve ser observada pela abadessa e pela vigária.

## CAPÍTULO IX

### **Da penitência a aplicar às irmãs que pecarem e das irmãs que servem fora do mosteiro**

<sup>1</sup> Se alguma irmã, por instigação do inimigo, pecar mortalmente contra a forma de vida que professamos e admoestada duas ou três vezes pela abadessa ou por outras irmãs, <sup>2</sup> não se emendar, deverá tomar pão e água, sentada no chão do refeitório, na presença de todas as irmãs, durante tantos dias quantos durar a sua obstinação. <sup>3</sup> E pode ser sujeita a uma pena ainda maior, se assim parecer à abadessa. <sup>4</sup> Enquanto durar a sua obstinação, façam-se orações para que o Senhor lhe ilumine o coração e se converta. <sup>5</sup> A abadessa e as outras irmãs, no entanto, devem evitar irar-se ou perturbar-se por causa do pecado de alguma, <sup>6</sup> porque a ira e a perturbação dificultam a caridade em si e nas outras.

<sup>7</sup> Se acontecer, Deus não o permita, que entre duas irmãs surja motivo de escândalo em palavras ou actos, <sup>8</sup> a causadora do escândalo deve, sem demora e antes de apresentar ao Senhor a oferta da sua oração (cf. Mt 5, 23), não só prostrar-se humildemente aos pés da outra irmã, pedindo perdão, <sup>9</sup> como também rogar-lhe com simplicidade que interceda por ela ao Senhor, para que seja perdoada.

<sup>10</sup> A outra irmã, porém, recordando a palavra do Senhor: "Se não perdoardes de coração, também vosso Pai vos não perdoará" (Mt 6, 15), <sup>11</sup> deve perdoar generosamente à sua irmã toda a injustiça que lhe foi feita.

<sup>12</sup> As irmãs que prestam serviço fora do mosteiro, não permaneçam demasiado tempo fora dele, a não ser que manifesta necessidade o exija.

<sup>13</sup> E devem andar com modéstia e falar pouco, de modo a edificar quantos as vêem.

<sup>14</sup> Evitem firmemente ter familiaridade ou relações suspeitas com alguém.

<sup>15</sup> E não se façam comadres de homens ou mulheres, para não dar motivo a murmuração e dissabores.

<sup>16</sup> Não ousem trazer os rumores do mundo para dentro do mosteiro.

<sup>17</sup> Do mesmo modo sejam firmemente proibidas de contar fora do mosteiro qualquer coisa que se passe e ou diga dentro dele e possa de algum modo ser causa de escândalo.

<sup>18</sup> Se alguma irmã, por irreflexão, falhar nestes dois pontos, fica ao critério da abadessa a aplicação, com misericórdia, duma penitência. <sup>19</sup> Mas se isso se tornar nela um mau costume, a abadessa, consultado o conselho, imponha-lhe uma penitência segundo a natureza da culpa.

## CAPÍTULO X

### **Da admoestação e correcção das irmãs**

<sup>1</sup> A abadessa exorte e vá ao encontro de suas irmãs. Corrija-as com humildade e caridade, e não lhes mande nada que seja contra a sua alma ou a forma de vida que professaram.

<sup>2</sup> E as irmãs súbditas lembrem-se que, por amor de Deus, renunciaram à sua própria vontade. <sup>3</sup> Pelo que firmemente lhes mando que obedeçam às suas abades-

sas em tudo o que prometeram ao Senhor e que não é contra a sua alma e a nossa profissão.

<sup>4</sup> A abadessa, porém, trate as irmãs com tanta familiaridade, que possam elas falar-lhe e tratá-la como senhoras a sua serva; <sup>5</sup> pois assim deve ser: que a abadessa seja a serva de todas as irmãs.

<sup>6</sup> Admoesto, porém, e exorto no Senhor Jesus Cristo a que as irmãs se guardem de toda a soberba, vanglória, inveja e avareza, dos cuidados e solícitude das coisas deste mundo, da depreciação e murmuração, discórdia e desavença.

<sup>7</sup> Pelo contrário, sejam sempre solícitas em guardar umas com as outras a união da mútua caridade que é o vínculo da perfeição (cf. Cl 3, 14).

<sup>8</sup> E as que não sabem letras não cuidem de as aprender. <sup>9</sup> Atendam antes a que sobre todas as coisas devem desejar ter o Espírito do Senhor e a sua santa obra, <sup>10</sup> orar sempre a Deus com um coração puro, ter humildade e paciência nas perseguições e enfermidades <sup>11</sup> e amar os que nos perseguem, insultam e acusam. <sup>12</sup> Porque diz o Senhor: "Bem-aventurados os que padecem perseguição por amor da justiça, porque deles é o Reino dos Céus" (Mt 5, 10). <sup>13</sup> "Mas aquele que perseverar até ao fim será salvo" (Mt 10, 22).

## CAPÍTULO XI

### **Da porteira, da portaria e da entrada de estranhos no mosteiro**

<sup>1</sup> A porteira seja uma irmã com maturidade, discreta e de idade conveniente. Durante o dia mantenha-se próximo da portaria, numa cela aberta e sem porta.

<sup>2</sup> Seja designada uma outra irmã com as mesmas qualidades que a substitua sempre que for necessário.

<sup>3</sup> A porta seja fechada por duas fechaduras de ferro diferentes, dobradiças e trancas.

<sup>4</sup> Principalmente de noite, esteja fechada com duas chaves, ficando uma na posse da porteira e outra com a abadessa.

<sup>5</sup> Durante o dia conserve-se fechada com uma chave e nunca se deve deixar sem vigilância.

<sup>6</sup> Procurem com o máximo cuidado que a porta nunca esteja aberta. Se alguma circunstância exigir o contrário, seja pelo menor tempo possível.

<sup>7</sup> Não se faculte a entrada a ninguém, a não ser que venha munido de licença do Sumo Pontífice, ou do nosso Cardeal.

<sup>8</sup> As irmãs nunca devem permitir que alguém entre na clausura antes do nascer do sol, nem que nela permaneça depois do sol posto, a não ser numa necessidade manifesta, razoável e inevitável.

<sup>9</sup> Se para a benção da abadessa, ou para a profissão de alguma irmã, ou por alguma outra razão, for permitido a um bispo celebrar a Eucaristia no interior do mosteiro, contente-se ele em trazer consigo acompanhantes

e ministros no menor número e da maior honestidade possível.

<sup>10</sup> Se, por necessidade, alguém tiver de entrar no mosteiro para executar algum trabalho, a abadessa coloque na portaria uma pessoa idónea, <sup>11</sup> que abra a porta só aos que vêm executar o trabalho e não a outros.

<sup>12</sup> Neste caso, todas as irmãs tomem o máximo cuidado em não serem vistas pelos que entram.

## CAPÍTULO XII

### **Do Visitador, do Capelão e do Cardeal-Protector**

<sup>1</sup> O nosso Visitador deve ser sempre da Ordem dos Frades Menores, segundo a indicação e o mandato do nosso Cardeal.

<sup>2</sup> Deve ser um homem de reconhecida conduta moral. <sup>3</sup> A sua função é corrigir os erros cometidos contra a forma da nossa profissão, tanto pelas responsáveis como pelas outras irmãs.

<sup>4</sup> Deve ficar em lugar público, onde possa ser visto por todas, e seja-lhe facultado falar com grupos de irmãs ou com cada uma em particular, sobre os assuntos da visita, segundo ele achar mais conveniente.

<sup>5</sup> A Ordem dos Frades Menores sempre nos facultou a graça de um capelão, com um companheiro clérigo de boa reputação <sup>6</sup> e mais dois irmãos leigos de vida santa e de bons costumes, que nos ajudam na nossa pobreza. <sup>7</sup> Pedimos que assim continue a ser, por amor de Deus e do bem-aventurado Pai São Francisco.

<sup>8</sup> Não seja permitido ao capelão entrar no mosteiro sem companheiro. <sup>9</sup> E, depois de entrarem, permaneçam em lugar público onde se possam ver um ao outro e serem vistos por todos.

<sup>10</sup> Poderão entrar na clausura para confessar as irmãs enfermas que não se possam deslocar ao locutório, para lhes distribuir a Sagrada Comunhão, para administrar a Santa Unção e para a encomendação das almas.

<sup>11</sup> Segundo o critério da abadessa, possam entrar as pessoas necessárias e idóneas, caso seja preciso, por ocasião de exéquias, no caso duma Celebração Eucarística pelos defuntos e para abrir uma sepultura.

<sup>12</sup> Finalmente as irmãs estejam firmemente obrigadas a ter sempre como nosso governador, protector e corrector, aquele Cardeal da Santa Igreja Romana que for designado pelo Senhor Papa para os Frades Menores. <sup>13</sup> E assim, sempre submissas e sujeitas aos pés da mesma santa Igreja, firmes na fé católica, observemos a pobreza e humildade de Nosso Senhor Jesus Cristo e de sua Santíssima Mãe e o Santo Evangelho que firmemente professamos.

## Epílogo

<sup>14</sup> Dado em Perúsia, aos 16 de Setembro do ano décimo do pontificado do Senhor Papa Inocêncio IV).

<sup>15</sup> A ninguém, pois, seja lícito contestar ou levianamente contrariar este documento da nossa confirmação. E se alguém presumir fazê-lo, saiba que incorrerá na indignação de Deus Todo-Poderoso e dos bem-aventurados Apóstolos Pedro e Paulo.

Dado em Assis no dia 9 de Agosto do ano décimo primeiro do nosso pontificado.



# TESTAMENTO DE SANTA CLARA (TCL)

## **Introdução**

*Tal como São Francisco, também Santa Clara quis deixar um Testamento às suas irmãs. E também como ele, começa por apresentar os passos mais importantes da sua vida: a conversão, o chamamento e a fundação da nova Ordem. Depois trata da luta que travou pela santa pobreza e pela ligação da sua Ordem aos Frades Menores. Recorda duma maneira especial o "fundador e plantador" e ela mesma se apresenta como uma plantazinha do Pai São Francisco. Termina com uma exortação cheia de bondade às sucessoras no cargo de abadeça e a todas as irmãs para que permaneçam fiéis à vocação. Nota-se que o Testamento de São Francisco lhe serviu de modelo.*

*Até fins dos anos 70 muitos estudiosos contestaram a autenticidade do Testamento. Alegavam que não se encontra nas fontes mais primitivas; que não se conhece a origem e que Waddingo quando o publica em 1628 não indica com clareza a fonte donde o tomou. Waddingo alude a um "Memoriale anticuum" e à margem cita Mariano de Florença (+1523) e Frei Marcos de Lisboa (+1591). Mas agora temos códices mais antigos. O texto*

*mais antigo aparece no códice de Messina, que tudo indica ser uma cópia de 1338 feita provavelmente no Protomosteiro para a rainha Sancha de Maiorca. Temos ainda o códice de Upsala, do século XV, procedente do mosteiro das Brígidas de Vadstena, adquirido por Santa Brígida em Itália e o do mosteiro de Santa Clara de Urbino, do século XV, cujo texto não coincide com o de Waddingo, mas sim com o de Messina. É a partir destes códices que Ciccarelli publica um texto crítico.*

*Apoiados nestes códices e na crítica textual, hoje já ninguém contesta a autenticidade do Testamento. A opinião mais comum afirma que o Testamento é anterior à Regra de Clara e que teria sido escrito por volta de 1247 como forma de acentuar o seu carisma próprio frente à Regra de Inocêncio IV. Perante a Regra de Inocêncio IV, Clara dá às suas irmãs um documento que resume o seu pensamento e o seu carisma. De alguma maneira pode ser considerado a primeira Regra de Clara.*

## TEXTO

### 1. Em nome do Senhor. Ámen.

<sup>2</sup> A nossa vocação é o maior de todos os benefícios que recebemos e diariamente continuamos a receber do nosso benfeitor, Pai das misericórdias (2 Cor 1, 3), pelos quais devemos render infinitas graças; <sup>3</sup> e quanto mais perfeita e sublime ela é, tanto mais d' Ele nos tornamos devedores. <sup>4</sup> Por isso diz o Apóstolo: "conhece a tua vocação" (cf. 1 Cor 1, 26).

<sup>5</sup> O Filho de Deus fez-se nosso caminho (cf. Jo 14, 16), como nos mostrou e ensinou pela palavra e pelo exemplo o nosso bem-aventurado Pai São Francisco, seu apaixonado imitador.

<sup>6</sup> Devemos, pois, irmãs caríssimas, considerar os imensos benefícios que o Senhor nos concedeu, <sup>7</sup> principalmente os que por intermédio do nosso bem-aventurado Pai São Francisco nos prodigalizou, <sup>8</sup> não só depois da nossa conversão, mas mesmo quando ainda estávamos nas vaidades do século.

<sup>9</sup> Com efeito, o mesmo santo, quando ainda não tinha irmãos nem companheiros, pouco depois da sua conversão, <sup>10</sup> estando a reconstruir a Igreja de São Damião, onde, plenamente possuído pelas divinas consolações, foi compelido a abandonar radicalmente o mundo, <sup>11</sup> iluminado pelo Espírito Santo, profetizou, com grande alegria, a nosso respeito, tudo o que mais tarde o Senhor veio a confirmar.

<sup>12</sup> Numa ocasião, subindo os muros da mencionada igreja e dirigindo-se a uns pobres da vizinhança, disse-lhes em voz alta e em língua francesa: <sup>13</sup> "Vinde e aju-

dai-me na construção do convento de São Damião,<sup>14</sup> porque um dia hão-de morar aqui umas senhoras cuja fama e santa vida glorificará o Pai celeste (cf. Mt 5, 16) em toda a Igreja".

<sup>15</sup> Nisto podemos, pois, ver a abundante bondade de Deus para conosco, <sup>16</sup> o qual, em sua grande misericórdia, se dignou manifestar tais coisas sobre a nossa vocação e eleição através do seu santo. <sup>17</sup> E o bem-aventurado Pai não profetizou estas coisas só a nosso respeito, mas de todas as que no futuro viessem a abraçar a vocação a que o Senhor nos chamou.

<sup>18</sup> Qual não deve ser a solicitude e o empenho que devemos pôr em realizar, de alma e corpo, os mandamentos de Deus nosso Pai, para que com o auxílio do Senhor, lhe devolvamos, multiplicado, o talento que nos confiou (cf. Mt 25, 15). <sup>19</sup> Porque o Senhor não nos colocou como exemplo e espelho, somente para os outros homens, mas também para as irmãs que o Senhor chamou à nossa vocação, <sup>20</sup> de modo que também elas se convertam em exemplo e espelho das pessoas que vivem no mundo. <sup>21</sup> Tendo-nos o Senhor chamado a um estado tão sublime, a fim de se poderem modelar por nós as que devem servir de espelho e modelo aos outros, <sup>22</sup> devemos bendizer e louvar o Senhor e fortalecer-nos n'Ele, para praticarmos o bem cada vez melhor. <sup>23</sup> Portanto, se a nossa vida corresponder a esta vocação, deixaremos aos outros um nobre exemplo e ganharemos a eterna bem-aventurança, com um mínimo de esforço (cf. 1 Cor 9, 24).

<sup>24</sup> Depois que o altíssimo Pai celestial, pouco depois da conversão do nosso bem-aventurado Pai São Francisco, <sup>25</sup> se dignou iluminar-me o coração para que, seguindo-lhe o exemplo, fizesse penitência, segundo a luz

da graça que o Senhor nos comunicou através da sua vida maravilhosa e da sua doutrina, <sup>26</sup> prometi-lhe voluntariamente obediência juntamente com as poucas irmãs que o Senhor me tinha dado, logo depois da minha conversão.

<sup>27</sup> O bem-aventurado Francisco sentiu grande alegria no Senhor, quando notou que, mesmo débeis e fracas de corpo, não temíamos nenhuma necessidade, pobreza ou trabalho, tribulação ou desprezo do mundo, <sup>28</sup> antes, a exemplo dos santos e de seus irmãos, tudo aceitávamos como grandes delícias, como ele e seus irmãos muitas vezes puderam constatar. <sup>29</sup> E, movido de grande ternura para connosco, obrigou-se por si e pela sua Ordem, a ter por nós, tal como por seus irmãos, diligente caridade e uma solicitude particular.

<sup>30</sup> Assim, por vontade de Deus e do nosso bem-aventurado Pai São Francisco, fomos morar para São Damião. <sup>31</sup> Aqui nos multiplicou o Senhor, por sua graça e misericórdia. Desta maneira se cumpriu o que o Senhor profetizou por intermédio do seu santo. <sup>32</sup> Com efeito, embora por pouco tempo, tínhamos vivido noutra lugar.

<sup>33</sup> Escreveu-nos, depois, a forma de vida, insistindo sobretudo que perseverássemos sempre na santa pobreza. <sup>34</sup> Não contente em nos exortar durante a vida, com muitas palavras e exemplos, ao amor e observância da santíssima pobreza, deixou-nos também muitos escritos, para que, depois da sua morte, de modo nenhum nos afastássemos dela, <sup>35</sup> a exemplo do Filho de Deus que, enquanto viveu neste mundo, nunca da santa pobreza se quis desviar. <sup>36</sup> O nosso beatíssimo Pai São Francisco, imitando os seus passos, escolheu a santa

pobreza para si e seus frades e enquanto viveu, nunca dela se afastou, nem pelo exemplo, nem pela doutrina.

<sup>37</sup> E eu, Clara, indigna serva de Cristo e das irmãs pobres de São Damião e plantazinha do santo Pai, considerando, com as outras minhas irmãs, a sublimidade da nossa profissão e o mandato de tão grande Pai, <sup>38</sup> e ao mesmo tempo a fragilidade das nossas irmãs – fragilidade que nós mesmas tínhamos aquando da morte do nosso Pai Francisco que, depois de Deus, era a nossa coluna, nossa única consolação (1Tim 3, 14) e nossa fortaleza – <sup>39</sup> frequentemente renovamos a nossa adesão voluntária à nossa senhora, santíssima pobreza, a fim de que depois da minha morte, as irmãs, tanto as presentes como as futuras, de nenhuma maneira dela se apartem.

<sup>40</sup> Sempre me preocupei em observar e fazer observar a santa pobreza que prometemos a Deus e ao nosso Pai São Francisco, <sup>41</sup> do mesmo modo a devem observar todas as que me sucederem no cargo de abadessa.

<sup>42</sup> Mais ainda: para maior garantia, solicitei ao Senhor Papa Inocêncio, sob cujo pontificado começámos, e a todos os seus sucessores, que confirmassem com os seus privilégios a nossa profissão da santíssima pobreza, <sup>43</sup> para que em tempo algum, e de nenhuma maneira dela nos desviássemos <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Trata-se do documento conhecido por *Privilégio da Pobreza*, concedido, pela primeira vez por Inocêncio III, em 1226, e renovado pelos seus sucessores. Conhece-se o texto de Inocêncio III e de Gregório IX, de 1228. Cf FF 2, p. 293-295

<sup>44</sup> Eis porque, de joelhos em terra e prostrada de corpo e alma, recomendo todas as minhas irmãs, presentes e futuras, à Santa Madre Igreja romana, ao Sumo Pontífice e sobretudo ao senhor cardeal encarregado da Ordem dos Frades Menores e da nossa, <sup>45</sup> a fim de, por amor daquele Senhor que foi reclinado pobre no presépio, pobre viveu no mundo e nu ficou sobre o patíbulo, <sup>46</sup> se dignem conduzir o pequenino rebanho que, na sua Igreja santa, o Senhor Pai gerou com a palavra e o exemplo do bem-aventurado Pai Francisco, no seguimento da pobreza e humildade do seu dilecto Filho e da gloriosa Virgem sua mãe, <sup>47</sup> e o levem a observar sempre a santa pobreza que prometeu a Deus e a nosso beatíssimo Pai Francisco e finalmente hajam por bem ajudá-lo e na dita pobreza para sempre conservá-lo.

<sup>48</sup> O Senhor deu-nos o beatíssimo Pai Francisco como fundador, plantador e nosso assistente no serviço de Deus e em tudo o que a Deus e a ele, nosso Pai, prometemos; <sup>49</sup> durante a vida sempre se mostrou solícito em nos cultivar e proteger, a nós, sua plantazinha. <sup>50</sup> Do mesmo modo recomendo as minhas irmãs presentes e futuras ao sucessor do nosso bem-aventurado Pai Francisco e a toda a sua Ordem, <sup>51</sup> para que nos ajudem a progredir cada vez mais no serviço de Deus e a observar cada vez melhor, sobretudo a santíssima pobreza.

<sup>52</sup> Se, por ventura, vier a acontecer que as ditas irmãs, depois da minha morte, tenham de abandonar este lugar e de transferir-se a outro, em qualquer lugar onde se encontrem, sejam igualmente, depois da minha morte, obrigadas a observar a forma da pobreza que prometemos a Deus e ao nosso Pai São Francisco.

<sup>53</sup> E, tanto a irmã que me suceder no cargo como qualquer outra irmã, de maneira nenhuma adquiram ou recebam terrenos à volta do supradito lugar, a não ser o absolutamente necessário para uma horta onde se cultivem alguns legumes. <sup>54</sup> Se para salvaguardar a dignidade e o isolamento do mosteiro se achar conveniente em determinada altura, adquirir terreno fora da horta, não se adquira mais do que o absolutamente necessário. <sup>55</sup> E de maneira nenhuma se cultive ou se semeie este terreno, antes se deixa baldio e inculto.

<sup>56</sup> Admoesto e exorto no Senhor Jesus Cristo a todas as minhas irmãs, presentes e futuras, que se esforcem por seguir sempre o caminho da santa simplicidade, humildade e pobreza e que levem uma vida santa, <sup>57</sup> como nos ensinou o Pai São Francisco no princípio da nossa conversão. <sup>58</sup> E assim, por misericórdia e graça do divino doador, que é o Pai das misericórdias (2 Cor 1, 3) e não por nossos próprios méritos, irradiemos sempre, tanto a respeito das que estão perto, como das que estão longe, o odor de uma boa reputação.

<sup>59</sup> Amando-vos umas às outras com o amor de Cristo, manifestai em obras o amor que vos vai no coração, <sup>60</sup> a fim de que, movidas por este exemplo, as irmãs se sintam estimuladas a crescer cada vez mais no amor de Deus e na mútua caridade.

<sup>61</sup> E rogo à que tiver o cargo de servir as irmãs, que se evidencie pela virtude e por uma vida santa e não pela autoridade do cargo. <sup>62</sup> Assim, as outras irmãs, estimuladas pelo seu exemplo, obedecerão mais por amor do que em virtude do cargo. <sup>63</sup> Que seja discreta e atenciosa para com as suas irmãs, tal como uma boa mãe para com as filhas. <sup>64</sup> E sobretudo, procure prover às necessidades de cada uma, com as dádivas que do

Senhor receber. <sup>65</sup> Seja de tal maneira acolhedora e afável que possam confiadamente manifestar-lhe as suas necessidades e <sup>66</sup> recorrer a ela a qualquer hora com toda a confiança, como quiserem, tanto para si como para as outras irmãs.

<sup>67</sup> E as irmãs que são súbditas, recordem-se sempre que, por amor do Senhor, renunciaram à sua própria vontade. <sup>68</sup> Quero, pois, que obedeçam à madre, como em liberdade prometeram ao Senhor. <sup>69</sup> Deste modo, vendo a caridade, humildade e mútua união, tornar-se-á mais leve o peso do cargo que a madre tem de carregar. <sup>70</sup> E com a vida santa das irmãs, se transformará para ela em doçura o que era incómodo e amargo.

<sup>71</sup> Não esqueçamos que é estreito o caminho e a vereda e apertada a porta por onde entramos para a vida. São poucos os que caminham nesta vereda e entram por esta porta (cf. Mt 7, 14).

<sup>72</sup> Alguns seguem neste caminho por algum tempo, mas poucos são os que nele perseveram. <sup>73</sup> Bem-aventurado, porém, o que entrar neste caminho e nele perseverar até ao fim (cf. Mt 10, 22).

<sup>74</sup> Se entramos, pois, no caminho do Senhor, cuide-mos de não nos desviarmos dele em tempo algum por nossa culpa, negligência ou ignorância, <sup>75</sup> para não fazermos injúria a tão grande Senhor e à Virgem sua Mãe, ao nosso bem-aventurado Pai Francisco e à Igreja triunfante e militante, <sup>76</sup> pois está escrito: "Malditos os que se afastam dos vossos mandamentos" (Sl 118, 21; Mt 10, 22).

<sup>77</sup> Por esta razão dobro os joelhos diante do Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo (Ef 3, 14), invocando os méritos da gloriosa Virgem Santa Maria, sua mãe, do

nosso beatíssimo Pai Francisco e de todos os santos e <sup>78</sup>peço ao próprio Senhor que nos deu tão bom princípio, nos dê o incremento (cf. 1 Cor 3, 6-7) e também a perseverança até ao fim. Amen.

<sup>79</sup> Para que melhor seja observado, deixo-vos a vós, minhas queridas irmãs presentes e futuras este escrito, como sinal de bênção do Senhor, do nosso beatíssimo Pai Francisco, e também da benção que vos dou eu, mãe e serva vossa.



# CARTAS DE SANTA CLARA

## INTRODUÇÃO GERAL

*Clara de Assis, Santa Clara, é uma das poucas mulheres medievais que deixou escritos. "Nobre por nascimento, mas mais nobre pela graça" recebeu a melhor educação a que podia aspirar uma mulher do seu tempo. Aprendeu a ler e a escrever latim e da sua pena não saiu palavra vã, mas só palavra cheia do fogo do Espírito. Como chispa em canavial, o seu fogo multiplica-se.*

*Os escritos de Clara pertencem a vários géneros literários diferentes, que exprimem as diversas facetas da sua personalidade. As cartas revelam a sua requintada feminilidade e o voo místico do seu espírito. Nelas trata da amizade, da aspiração da alma e da oração que, para si, é contemplação amorosa, que nos transforma em ícone da divindade.*

## Destinatárias das cartas

*As destinatárias das cartas de Santa Clara que se conservaram, foram duas mulheres: Inês de Praga e Ermentrudis de Bruges. Certamente saíram do conventinho de São Damião muitas mais cartas assinadas por*

*Clara. Podiam ter sido dirigidas ao Irmão Francisco, ao Papa Gregório IX – com quem sabemos ao certo que mantinha correspondência- aos mosteiros fundados de perto e de longe, ávidos de conhecer a fundo a novidade da sua forma de vida. Muitas cartas se perderam ou esperam em lugares ignorados a mão atenta do investigador.*

### **Inês de Praga**

*As quatro primeiras cartas, que são as mais extensas, têm por destinatária Santa Inês de Praga. Filha do rei Ottokar I da Boémia (1198-1230) e da rainha Constância da Hungria, nasceu no ano de 1205. Aos três anos de idade foi prometida a Boleslau da Silésia, ficando livre do seu compromisso pela morte do prometido, em 1211. Foi novamente prometida em 1213 a Henrique VII, filho do imperador Frederico II. Desfeito o compromisso em 1225, foi pedida em 1227 por Henrique III da Inglaterra e por fim, no ano de 1233, pediu a sua mão o próprio imperador do Sacro Império, Frederico II. Inês recusou estas propostas, por abrigar em seu coração propósitos bem diferentes.*

*Tendo chegado a Praga os primeiros Frades Menores, edificou-lhes um convento. Por eles teve notícia da vida de Clara de Assis, e fundou um mosteiro para Irmãs Pobres, no qual ela própria tomou hábito, a 22 de Junho de 1234, festa do Pentecostes.*

*Inês morreu no ano de 1282. Foi beatificada por Pio IX, em 1874 e canonizada por João Paulo II, a 12 de Novembro de 1989.*

## **Ermentrudis de Bruges**

*A quinta é dirigida a Ermentrudis de Bruges. Segundo um relato divulgado no século XVII, era filha de um magistrado de Colónia. Movidada pelo desejo de servir a Jesus Cristo, abandonou a sua pátria em companhia de Vitória, mulher ao seu serviço, no ano de 1240. Chegada a Bruges, levou vida de reclusa. Passados doze anos, teve notícia da forma de vida de Clara de Assis e viajou até Roma e Assis com o desejo de a conhecer. Quando Ermentrudis e Vitória chegaram a Roma, a Irmã Clara tinha já passado desta vida para o Pai.*

*Ao regressar, Ermentrudis levou bulas de Inocência IV com autorização para fundar fraternidades de Irmãs Pobres. Assim se converteu em grande propagandista da Ordem de Santa Clara nas regiões do Baixo Reno e na Flandres.*

## **Género literário**

*O género epistolar é o mais propício à espontaneidade e à intimidade, o mais adequado para transmitir os sentimentos. As cartas são o lugar mais favorável para conhecer o coração sensibílissimo de Clara, tão humana e cumulada de amor divino. Revelam o encanto*

*da sua feminilidade, delicadeza, nobreza e simplicidade e o seu entranhável afecto. Revelam também a profundidade do seu magistério espiritual. As palavras ardentes, apaixonadas, quando menciona Jesus Cristo, reflectem o seu ser de cristã contemplativa transformada em ícone da divindade, pela acção do Espírito Santificador.*

*Inicia as cartas com rara cortesia, acompanhando o nome da destinatária com títulos cheios de admiração, que marcam um processo de aproximação, intimidade e comunhão de vida. A si mesma, Clara apresenta-se com títulos de humildade. A despedida termina sempre em comunhão de orações.*

*Nalguns fragmentos destas cartas aparece o ritmo poético, alcançando uma beleza e qualidade literária encantadoras.*

## **Autenticidade**

*A autenticidade das quatro cartas a Inês de Praga é indiscutível. O texto original, redigido em latim, foi recebido no mosteiro de Praga. Fizeram-se várias traduções, das quais se conservaram uma checa, impressa em Praga, em 1566 por J. Placy, e cinco alemãs, divulgadas depois de 1815. Conservou-se uma carta na sua versão original latina, na "Crónica dos XXIV Gerais" do convento de Hall, Áustria.*

*Entre os anos de 1283-1322, ao promover-se a Causa de Canonização de Inês de Praga, enviou-se a Roma uma cópia do original latino das cartas de Santa Clara, junto com a Legenda de Inês. Ignoradas durante sécu-*

los, acharam-se estas cópias num códice da Biblioteca do Cabido de Santo Ambrósio de Milão. Era o ano de 1924. Em 1932, Jan Kapistran Vyscocil fez um estudo comparativo de todos os códices, versão latina e tradução alemã, constatando a sua coincidência.

A Carta a Ermentrudis de Bruges não oferece tanta garantia de autenticidade. Alguns dizem que talvez seja uma refundição de duas cartas. Conhece-se só pelos Anais de Waddingo.

## **Cronologia**

Os investigadores não estão de acordo quanto à data exacta das cartas. A primeira carta situa-se pelo ano de 1234. Clara escreve a Inês ao iniciar a sua experiência de Irmã Pobre no mosteiro do Salvador, por ela fundado em Praga. A segunda carta, pela menção a Frei Elias como Ministro Geral, deve situar-se entre os anos de 1232-1239. Vyscocil supõe a sua redacção entre 1235-1236. A cronologia da terceira carta é mais fácil pela sua relação com duas bulas datadas em Maio e Dezembro de 1238. Quanto à quarta carta há unanimidade em situá-la pouco antes da morte de Santa Clara, no ano de 1253.

Embora seja ampla a distância cronológica entre a primeira e a última carta de Clara a Inês, percebe-se a unidade de estilo, de temas e de inspiração.

Quanto à carta ou cartas a Ermentrudis, seriam escritas nos últimos anos de Clara.

## **Pano de fundo Bíblico e Patrístico**

*Clara alimentou-se da Palavra de Deus, escutada, lida, contemplada. Da abundância do seu coração brotou uma linguagem embelezada com alusões e citações bíblicas. É muito frequente nela como em Francisco, a apropriação e a associação de umas citações com outras. Assim, iluminam a vida à luz da Palavra, assim falam com autoridade.*

*O pano de fundo das cartas oferece um equilíbrio entre os dois Testamentos e revela uma preferência pelos textos do amor sponsal: Salmo 44 e Cântico dos Cânticos.*

*Encontram-se também várias citações da Liturgia, de autores eclesiais e de escritos de São Francisco.*

## **Tema das cartas**

*As cartas de Clara são como uma fonte de água viva, inesgotável. Podem encher-se as ânforas da pobreza e humildade, da fé viva na Palavra de Deus, da virgindade, da alegria, da caridade entranhável, da oração de intercessão, da contemplação transformante do Mistério de Cristo, da doçura escondida, da evolução espiritual da mulher franciscana, da missão eclesial da Irmã Pobre, da união à Mãe dulcíssima ou maternidade espiritual, da espiritualidade sponsal, do Espelho da Eternidade...*

*Podemos encher tantas ânforas, porque o poço é fundo. A linguagem vela e revela uma experiência de*

*amor apaixonado a Jesus Cristo, uma experiência feminina de seguimento evangélico e franciscano. Clara de Assis, nas cartas, exprime aquilo que transborda do seu cálice e dirá que o faz "balbuciando".*

*Há também alguns conselhos práticos. Clara responde às perguntas de Inês. Fá-lo com segurança, cortesia, compreensão, como quem sabe temperar com o sal da prudência.*

### **Magistério de Clara**

*Clara não traça os passos de um caminho, porque o Caminho, a Verdade e a Vida é Jesus Cristo. Ensina a desejar, a olhar, a abraçar-se com amor apaixonante a Jesus Cristo como Espelho do Pai, sob a iluminação do Espírito Santo. Em inquebrantável fidelidade a São Francisco, ensina a nutrir-se, pela fé, das palavras do Evangelho. Exorta à união à Virgem Pobrezinha, a peregrina da fé, para se viverem os mistérios de Cristo na Igreja.*

*Ensina a desejar as virtudes como jóias, algo que se compra pelo seu preço; depois como braços e abraços, membros do corpo ou modos de ser e, por fim, como dons e frutos de bem-aventurança. Assim, a pobreza, a humildade, a doçura... já não são um exercício mas tão somente o abraço com o próprio Jesus Cristo. Ilustra o exercício dos sentidos espirituais, especialmente o olhar que descobre a Formosura e o tacto que percebe a suavidade do abraço. Partilha o poder da intercessão como elemento da vida contemplativa. Contagia o seu*

*fervor com uma linguagem vibrante, persuasiva, unvida de ternura. Levanta o voo da contemplação. Clara exorta ao amor.*

*As belíssimas cartas de Clara constituem, juntamente com os outros escritos, um elemento precioso para aprofundar a sua espiritualidade. A reiteração de alguns temas no espaço de vinte anos revela uma evolução progressiva dessa espiritualidade.*



# PRIMEIRA CARTA DE SANTA CLARA A INÊS DE PRAGA (1CCL)

## **Introdução**

*No Pentecostes do ano 1234, uma notícia atravessou o Império: uma mulher de sangue real, a princesa Inês de Praga, tinha tomado o hábito das Irmãs Pobres. Clara escreve-lhe transbordante de gozo. Com o tratamento de cortesia "vós", que manterá só nesta carta, a Irmã Clara dirige-se à senhora Inês como filha do rei da Boémia. Para si própria usa a sua habitual apresentação, feita com títulos de humildade evangélica.*

*A linha desta carta revela a espiritualidade nupcial vivida por Clara e transmitida a Inês, de coração a coração, como um beijo Inês desdenhou as propostas do Imperador, como Clara desdenhou as de um nobre cavaleiro de Assis, catorze anos antes. A filha do rei renunciou às honras, à fama, à riqueza, para se abraçar a Jesus Cristo em virgindade e pobreza. Clara convida-a com entusiasmo e verdade a iniciar o caminho do seguimento, numa perspectiva nupcial, que radica no baptismo. Estabelece um paralelismo alicianete entre as núpcias terrenas e as celestes. Quer dizer, mostra-lhe como o modelo da relação nupcial humana postula uma partilha que é válida para as núpcias celestes.*

*Consagrar-se a Jesus Cristo é um desposório inefável. Inês sabe o que lhe oferecia o Imperador terreno: jóias, coroa, abraços, honra, riqueza... Com a mesma linguagem, Clara mostrar-lhe-á uma realidade escondida. Há dois níveis de realza: um, verdadeiro, e outro, fugaz. Clara vai tecendo as suas palavras sobre as antinomias evangélicas ao comparar dois amores, duas nobrezas, dois poderes, dois caminhos, duas espécies de riqueza e beleza.*

*A esposa deve partilhar a paixão, arvorando o estandarte da virgindade e pobreza, em luta contra o príncipe das trevas, Se é arriscado acompanhar um rei terreno que vai à guerra, muito mais o é seguir o herói que dá a vida, seguir a Cristo pobre que se entrega para nos reconciliar com Deus. Inês elegeu o Reino de Deus e não ficará defraudada. O Senhor da glória coroá-la-á de santidade e partilhará também com ela o gozo pleno e inefável.*

*Enumeram-se os feitos do Esposo (7-9), os verbos de amor, os lugares de encontro. As jóias transformam-se em virtudes que adornam a esposa (10-11); a virgindade e a pobreza, consideradas à luz da aliança sponsal, são personificadas do mesmo modo que fazia Francisco.*

*A prosa desvanece-se para dar lugar ao ritmo poético num canto à virgindade (8-11), um canto ao Vencedor Pobre (15-18) e à troca incomparável do terreno pelo celeste (30).*

*Se consideramos o tema nupcial como nuclear nesta primeira carta, advertimos também que aparecem outros que vão ser tratados nas cartas seguintes: a alegria*

(3-4; 20-21), a amizade, o tema mariano (19), que espelha a evolução mística da Irmã Pobre como filha, mãe e esposa (12; 24).

Do número 25 a 28 acumulam-se, à maneira de sentenças sapienciais, várias citações bíblicas e da tradição patrística. O pano de fundo desta carta é bíblico e mostra uma preferência por São Mateus. Merece ser sublinhada a associação de Mt 8, 20 e Jo 19, 30, fruto da amorosa contemplação de Clara, em 18.

A despedida reitera o primeiro desejo expressado no começo da carta: "a visão eterna", a "glória da felicidade eterna". Na espiritualidade de Clara, estes termos aludem respectivamente a ver e experimentar a presença de Deus.

Quanto à personalidade de Clara, ela revela-se como uma pessoa alegre, vibrante, positiva, aberta à vida, cortês, afectuosa, delicada. Contando os feitos do Esposo de mais nobre linhagem, revela-se como esposa apaixonada de Jesus Cristo pobre.

## TEXTO

<sup>1</sup> À venerável e santa virgem, senhora Inês, filha do excelentíssimo e mui ilustre rei da Boémia, <sup>2</sup> Clara, serva indigna e inútil (Lc 17, 10) de Jesus Cristo e das senhoras enclausuradas de São Damião, sua súbdita e serva em tudo, recomenda-se com muita reverência, desejando, sobretudo, que consiga a glória da felicidade eterna (Ecl 50, 5).

<sup>3</sup> A fama da vossa vida santa e exemplar chegou aos meus ouvidos. Ela está, aliás, perfeitamente difundida em toda a parte, o que para mim é razão de gozo e de júbilo no Senhor. <sup>4</sup> Esta alegria não é só minha, mas compartilhada por todos os que servem ou desejam servir a Jesus Cristo. <sup>5</sup> E com toda a razão. Com efeito, mais do que qualquer outra mulher, tivestes o ensejo de desfrutar as pompas, honras e dignidades mundanas e tivestes até oportunidade dum legítimo casamento com o ilustre imperador, como correspondia à sua e à vossa dignidade. <sup>6</sup> Mas a tudo isso renunciastes. Preferistes abraçar com todo o afecto de alma e coração a santíssima pobreza, <sup>7</sup> escolhendo um esposo de linhagem mais nobre, o Senhor Jesus Cristo, que guardará imaculada e incólume a vossa virgindade.

<sup>8</sup> Amando-O, sereis casta,  
abraçando-O, ficareis mais pura,  
acolhendo-O, sereis virgem.

<sup>9</sup> O seu poder é mais forte,  
a sua generosidade, mais excelsa,  
o seu aspecto, mais formoso,  
o seu amor, mais suave,  
e as suas graças de maior encanto.

<sup>10</sup> Ele vos segura em seus braços,  
e ornamenta de pedras preciosas o vosso peito,  
e enfeita de jóias inestimáveis  
as vossas orelhas,

<sup>11</sup> e vos envolve de pérolas cintilantes,  
coroando-vos com a coroa de ouro,  
marcada com o sinal da santidade (cf. Ecl 45, 14).

<sup>12</sup> Portanto irmã caríssima, ou antes, veneranda senhora, sois esposa, mãe e irmã (Mt 15, 50) do meu Senhor Jesus Cristo <sup>13</sup> e fostes brilhantemente assinalada com o estandarte da virgindade inviolável e da santíssima pobreza. Fortalecei-vos, pois, no santo serviço pelo qual vos haveis decidido, em ardente desejo de imitar a Cristo pobre e crucificado. <sup>14</sup> Ele sofreu por nós o suplício da Cruz (Heb 12, 12), para nos libertar do poder do príncipe das trevas (Cl 1, 13) que, desde o pecado dos nossos primeiros pais, nos mantinha prisioneiros. Assim nos reconciliou com Deus nosso Pai.

<sup>15</sup> Ó bem-aventurada pobreza,  
penhor de eternas riquezas  
para os que a amam e abraçam.

<sup>16</sup> Ó Santa pobreza,  
pela qual Deus promete o Reino dos céus  
aos que a possuem e desejam (cf. Mt 5, 3),  
e certamente concede  
a glória eterna e a vida bem-aventurada.

<sup>17</sup> Ó sagrada pobreza,  
que o Senhor Jesus Cristo  
se dignou abraçar,  
preferindo-a a todas as riquezas.  
Ele que governa o céu e a terra (Sl 32, 9; 148, 5)  
e que tudo criou com o poder da sua Palavra.

<sup>18</sup> Com efeito, Ele mesmo diz que "as raposas têm as suas tocas e as aves do céu os seus ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça" (Mt 8, 20). Cristo pelo contrário, "inclinando a cabeça, entregou o seu espírito (Jo 19, 30). <sup>19</sup> Se, pois, um tão grande Senhor desceu ao seio da Virgem Maria e apareceu desprezível, desamparado e pobre neste mundo, <sup>20</sup> para que os homens pobres, desamparados e carenciados do divino alimento, n' Ele se tornassem ricos <sup>21</sup> possuindo o Reino dos Céus, alegrai-vos e rejubilai, enchei-vos de grande contentamento e de alegrias espirituais. <sup>22</sup> Vós que preferistes o desprezo do mundo às honrarias mundanas, a pobreza às riquezas temporais e antes juntar um tesouro no céu que na terra, <sup>23</sup> onde nem a ferrugem nem a traça o corrompem, nem os ladrões o desenterram ou roubam (cf. Mt 6, 20), tereis no céu a recompensa (Mt 5, 12) <sup>24</sup> e mereceis ser chamada irmã, esposa e mãe do Filho do Pai altíssimo e da Virgem gloriosa.

<sup>25</sup> Creio firmemente que entendestes que o Reino dos Céus não foi prometido e não será dado senão aos pobres (cf. Mt 5, 3). Quem ama as coisas temporais, perde o fruto do amor, <sup>26</sup> porque não se pode servir a Deus e ao dinheiro; ou se há-de detestar um e amar o outro, ou se há-de dedicar a um e desprezar o outro (Mt 6, 24). <sup>27</sup> Sabeis que na luta entre um homem vestido e um despido, aquele está em desvantagem, porque este facilmente o segura e o derruba. Assim, também ninguém pode gozar a vida neste mundo e participar no reinado de Cristo, <sup>28</sup> porque "é mais fácil passar um camelo pelo buraco duma agulha do que um rico entrar no Reino dos Céus" (Mt 19, 24). <sup>29</sup> Por isso desprezastes as vestes, isto é, as riquezas deste mundo, para não succumbirdes de modo algum na luta e poderdes entrar no

Reino dos Céus pelo caminho apertado e pela porta estreita (cf. Mt 7, 14).

<sup>30</sup> Na verdade é uma troca maravilhosa e digna de todo o louvor, renunciar aos bens temporais e preferir os eternos, perder o que é terreno, para merecer o que é celeste, renunciar a um para ganhar cem e possuir para sempre a vida bem-aventurada (cf. Mt 19, 29). <sup>31</sup> Por isso, santa e venerável irmã, suplico-vos tanto quanto posso que, pelo amor de Cristo, <sup>32</sup> persevereis no seu santo serviço, progredindo sem cessar na virtude, para que Aquele a quem servis com todas as forças da vossa mente, se digne conceder-vos o prémio que desejais.

<sup>33</sup> Suplico-vos, por último, em nome do Senhor, tanto quanto posso, que vos lembreis nas vossas orações desta vossa serva, embora indigna, e das restantes irmãs que comigo moram neste mosteiro. <sup>34</sup> Que, com a vossa ajuda, mereçamos as misericórdias de Jesus Cristo e em união convosco sejamos dignas de gozar a eterna contemplação. <sup>35</sup> Saudações no Senhor. Orai por mim.

## SEGUNDA CARTA DE SANTA CLARA A INÊS DE PRAGA (2CCL)

### **Introdução**

*Foi escrita pelos anos 1235-1236. É a mais breve das cartas dirigidas a Inês. Talvez a Irmã Clara a tenha escrito à pressa, para responder às consultas de Inês. O problema era a guarda da altíssima pobreza, à qual a fundadora do convento do Salvador de Praga se mantinha fidelíssima, apesar de sofrer pressões de fora. A resposta de Clara é discreta, valente e firme: ater-se ao conselho do Irmão Elias, Ministro Geral dos Menores e não seguir outros, contrários à sua vocação, embora provenham de pessoas respeitáveis (15-18) Essa pessoa respeitável era o Papa, de quem Clara era amiga e a quem conseguiu persuadir, quando lhe mandava o que era contrário à sua alma: aceitar rendas e cortes nas relações com os Frades Menores. Na realidade, Clara está a cumprir a última vontade de Francisco.*

*A partir desta carta, Clara abandona o tratamento de cortesia e dirige-se a Inês com mais familiaridade, de irmã para irmã. Na saudação continuará a tratá-la sempre por senhora, mas agora não tanto pelo seu sangue real, quanto por ser filha do Rei dos reis e serva do Senhor dos senhores.*

*A consulta de Inês, fidelíssima no seguimento de Jesus Cristo pobre, entusiasmo Clara. Como quem vê através da claridade divina, dirige acções de graças ao Pai, que reveste Inês de perfeição. Um sinal dos contemplativos é a sua grande capacidade de admiração. Clara – tão seráfico é o seu olhar – não teme afirmar que os olhos de Deus não vêem em Inês nada imperfeito (3-4).*

*Canta a união do tálamo nupcial com beleza e luminosidade de contemplativa. Reitera o tema nupcial da carta anterior, a nível de realeza, em atenção à origem da destinatária e diferenciando uma vez mais os dois níveis: a oferta do imperador e "Aquele que merecidamente a tomou por esposa"; o reino terreno e a santa pobreza (5-7).*

*A palavra torna-se exortação permanente, ao convidá-la a perseverar e a avançar com ligeireza e andar apressado. Dirige-se ao seu desejo para a maternidade, propondo a figura de Raquel (Gn 29, 18. 20-30), considerada, na Idade Média, como sinal de vida contemplativa. De novo, ao tocar este tema, o coração de Clara se inflama e eleva, chegando a dar à prosa ritmo poético (11-14; 17-18; 21-22).*

*Começa aqui (20) a instrução fascinante do "olhar" ou contemplação amorosa de Jesus Cristo, com desejo de O imitar. Os três passos: "olha, considera e contempla" explicam-se: na carta seguinte, como exercício da alma, mente e coração; em São Boaventura, como exercício da fé, da mente e da visão. O olhar sereno da alma contemplativa compreende a autonomia do Evangelho: pelas lágrimas ao gozo, pela Cruz ao esplendor da vida,*

*pela desapropriação à participação dos bens terrenos... Em Clara como em Francisco, aparece sempre essa divina alquimia que concilia os contrários, que transforma o amargo em doçura.*

*As citações bíblicas desta carta são muito interessantes. Na sua rica contextura, entrecruza-se e funde-se a Revelação e a vida.*

*Como na carta anterior, pede-se, à despedida, a comunhão de orações e volta-se ao tema inicial: um gozo pleno por causa da obra de Deus em Inês.*



## TEXTO

<sup>1</sup> À filha do Rei dos reis, à serva do Senhor dos senhores (Ap 19, 16), à mui digna esposa de Cristo e nobre rainha Inês, <sup>2</sup> Clara, inútil (Lc 17, 6) e indigna serva do Senhor dos senhores, e votos de saúde e perseverança na altíssima pobreza.

<sup>3</sup> Rendo graças ao autor de todas as graças, do qual emanam todas as boas dádivas e os dons perfeitos (Tg 1, 17), que te adornou com tantas virtudes e tantos sinais de perfeição, <sup>4</sup> de modo que sendo uma imitadora perfeita e diligente da perfeição do Pai (cf. Mt 5, 49) tenhas também tu chegado à perfeição e seus olhos já nada de imperfeito em ti encontrem (cf. Sl 138, 16).

<sup>5</sup> Esta é aquela perfeição pela qual o Rei dos Céus se unirá a ti na mansão celeste, onde reina sentado num trono de estrelas. <sup>6</sup> Pois que desprezaste a glória da realeza terrena, e renunciaste às delícias dum casamento imperial <sup>7</sup> tornaste-te imitadora da altíssima pobreza e em espírito de grande humildade e ardente caridade, seguiste as pegadas d'Aquele que te achou digna para esposa.

<sup>8</sup> Conhecendo eu a fama das tuas virtudes, quero, no entanto, poupar-te com desnecessários elogios verbais, <sup>9</sup> ainda que a ti não te pareça supérfluo nada que de alguma maneira te possa trazer consolação. <sup>10</sup> Mas, como uma só coisa é necessária (Lc 10, 42), a uma só coisa te chamo a atenção por amor d'Aquele a quem te ofereceste como vítima santa e agradável (cf. Rom 12, 1). <sup>11</sup> Eu te exorto a não esqueceres o teu santo

propósito e qual outra Raquel (Gn 29, 16), não percas de vista as motivações de início;

mantém-te firme  
no que já alcançaste;  
sê constante no que fazes;  
<sup>12</sup> não desanimes no caminho,  
corre veloz,  
com passo leve e sem tropeçar;  
que nem a teus pés o pó se apegue;  
<sup>13</sup> avança segura,  
alegre e jovial,  
no caminho da felicidade,  
<sup>14</sup> não acredites nem confies  
em quem te tentar desviar  
deste propósito;  
ultrapassa todo o obstáculo do caminho,  
e sê fiel ao Altíssimo (cf. Sl 150, 14)  
no estado de perfeição  
a que te chamou o Espírito Santo.

<sup>15</sup> Para caminhar com mais segurança na senda dos mandamentos do Senhor, segue os conselhos do nosso venerável pai e irmão Frei Elias, Ministro Geral. <sup>16</sup> Prefere os seus conselhos a qualquer outro e estima-os mais que o dom mais precioso. <sup>17</sup> Se, pois, alguém, te disser ou sugerir algo que impeça a tua perfeição ou que vá contra a tua vocação divina, não sigas o seu conselho, mesmo que te mereça muita veneração, <sup>18</sup> antes, como virgem pobre, abraça a Cristo pobre. <sup>19</sup> Contempla-O desprezado por teu amor e segue-O tornando-te desprezível por Ele neste mundo. <sup>20</sup> Contempla, nobre rainha, o teu Esposo. Sendo o mais belo dos filhos dos homens (cf. Sl 44, 3), transformou-se, para tua salvação, no mais desprezível dos mortais. Morreu na

Cruz, no meio dos maiores sofrimentos, golpeado e vezes sem conta açoitado em todo o corpo. Olha, medita e contempla e que o teu coração se inflame na sua imitação.

<sup>21</sup> Se Com Ele sofreres,  
com Ele reinarás;  
se com Ele chorares,  
com Ele exultarás;  
se com Ele morreres na Cruz da tribulação,  
com Ele habitarás na glória dos santos (Rm 8, 17),  
na mansão celeste,  
e teu nome será gravado  
<sup>22</sup> no livro de vida  
e para sempre glorificado entre os homens (Ap 3, 5).

<sup>23</sup> Em vez das honras terrenas e transitórias terás para todo o sempre a glória do Reino celeste, participarás dos bens eternos em troca de bens perecíveis e viverás uma felicidade sem fim.

<sup>24</sup> Adeus, querida irmã e senhora. Sê forte no Senhor, teu Esposo. <sup>25</sup> N'Ele me recomendo às tuas piedosas orações, juntamente com minhas irmãs. Rejubilemos pelo bem que o Senhor, pela sua graça, em ti realiza. Encomenda-nos às orações das tuas irmãs.

## TERCEIRA CARTA DE SANTA CLARA A INÊS DE PRAGA (3CCL)

### **Introdução**

*A terceira carta é um arrebatamento da alma de Clara, capaz de arrastar o desejo até aos cumes da mística cristã. A força e a beleza das palavras, o tom persuasivo e ardentíssimo, a profundidade da doutrina, a oportunidade dos temas... é algo inesgotável. Sugere sempre, alimenta sempre, porque Clara não fala de si, mas do mistério de Cristo. Ela guia com amor apaixonado.*

*Esta carta foi escrita pelo ano de 1238. A saudação dirige-se a Inês, como irmã do rei da Boémia. Trata-se de Wenceslau I, às vezes conhecido como II, por ter o mesmo nome que o primeiro duque da Boémia, São Wenseslau, mártir (907-929). Mas, a maior glória de Inês consiste em ser irmã e esposa do Rei celeste (1). Como boa pedagoga, Clara recorda constantemente a Inês as prerrogativas da sua escolha tão acertada.*

*O tema central desta carta é a vivência do Mistério de Cristo – os passos da exposição – que se completa na quarta carta – ilustram os matizes que a espiritualidade de Clara radicaliza na escola franciscana:*

1 – *Vivência do Mistério de Cristo à luz da Teologia da Imagem. Deus revelou-se no Filho. Fixando n' Ele a mente, a alma e o coração (todos os níveis que integram a pessoa), a contemplativa há-de transfigurar-se, pela acção do Espírito Santo, em ícone da divindade. Este dinamismo em que confluem a graça e a psicologia, devolve-lhe a semelhança (Gn 1, 27). A oração é, desde o princípio, contemplação amorosa e transformante. Fixa-se o olhar no espelho, Jesus Cristo, para mergulhar cada vez mais profundamente na Trindade (13-14). Ali se encontra a sabedoria e a doçura (14).*

2 – *Vivência do Mistério de Cristo à luz de Maria. A União com a Mãe dulcíssima (18) supera qualquer nível de exemplificação e piedade mariana. Trata-se de viver em e com Maria o mistério de Cristo e da Igreja. Maria "filha, mãe e esposa" (cf. OP. Ant.) é o espelho da Trindade. Maria é arquétipo de toda a forma de maternidade no Espírito. O que sucedeu com Maria corporalmente, sucede com a alma fiel pela caridade (21-23): levar Deus, ser morada, templo e vestidura do Filho de Deus, conter Aquele que os céus não podem conter.*

3 – *O Corpo inefável ou clave eclesial. Esta vivência fecunda do Mistério de Cristo é a missão eclesial da Irmã Pobre, chamada a edificar a Igreja. Clara associa citações bíblicas tomadas num contexto de missão (1Cor 3, 9; Rom 16, 13). Levar Cristo, levar a Igreja e fecundá-la no espaço do seio virginal; sustentar os membros vacilantes, quando as virtudes e os dons se identificaram connosco como braços e abraços (8). É antes*

*de mais nada, esplendor duma vida formosa e atraente pela sua santidade e é também poderosa intercessão.*

*As palavras de Clara compreendem-se melhor diante do ícone que ela contemplou, dia e noite, durante quarenta e dois anos, o Cristo de São Damião. O corpo debilitado e pálido que passa da morte à vida, tem as mãos voltadas para a dextra do Pai. O rosto está cheio de vida, de cor, de expressão, e inclina-se transbordante de doçura. Ele é a cabeça do corpo que é a Igreja.*

*Na segunda parte da carta, Clara passa a responder às perguntas de Inês referentes ao jejum. Como na segunda carta, Clara ilumina a questão, com o conselho de São Francisco. Diz o costume seguido em São Damião sem fazer dele uma norma. O Critério, acima de qualquer norma fixa, é a sobriedade com discricção, a liberdade e a prudência (29-37). Consistia o jejum em tomar uma só refeição por dia. A refeição quaresmal (32) era à base de cereais, legumes e fruta crua. A carne e gorduras animais não eram permitidas na Quaresma e uma segunda refeição quebrava o jejum.*

*A alegria, a doçura, a formosura de Cristo, a arte do bom discernimento, são como o brilhante acorde que acompanha a melodiosa doutrina mística da carta. Formosa carta, labareda flamejante, que deleita e encaminha o ardor dos contemplativos.*

## TEXTO

<sup>1</sup> À irmã Inês, venerável senhora em Cristo, a mais querida entre todas, irmã do ilustre rei da Boémia mas já irmã e esposa do Rei dos Céus (Mt 12, 50). <sup>2</sup> Clara, indigna e humilde serva de Cristo deseja alegria salvadora no autor da salvação (cf. Heb 2, 10) e todo o bem digno de ser desejado.

<sup>3</sup> Sinto imensa alegria pela tua saúde, pela felicidade que sentes e pelos progressos que vens conseguindo no caminho que te há-de levar à conquista do prémio celeste (cf. Fl 3, 14). <sup>4</sup> E esta alegria é tanto maior, quanto julgo e creio teres sabido completar admiravelmente as insuficiências que eu e minhas irmãs manifestamos na imitação do pobre e humilde Jesus Cristo.

<sup>5</sup> Na verdade, posso alegrar-me e ninguém pode usurpar-me esse direito, <sup>6</sup> porque já obtive o que mais ambicionei debaixo do céu. Não é verdade que, assistida pela Sabedoria divina, triunfaste de maneira surpreendente sobre a astúcia do inimigo, sobre o orgulho e a vaidade, causa da loucura e perdição do coração? <sup>7</sup> Não é verdade que preferiste o tesouro incomparável, escondido no campo deste mundo e no coração dos homens (cf. Mt 13, 44), mediante o qual se compra, nada menos, que Aquele que tudo criou do nada? E que O abraçaste com a humildade, a força da fé e os braços da pobreza? <sup>8</sup> Plagiando as palavras do Apóstolo, considero-te colaboradora do próprio Deus e um suporte dos membros mais débeis do seu Corpo Místico (cf. 1 Cor 3, 9). <sup>9</sup> Quem poderá, pois, impedir a minha alegria, perante tão grandes maravilhas? <sup>10</sup> Alegra-te tu também em Cristo (Fl 4, 4), caríssima, <sup>11</sup> e não te envolva qual-

quer névoa de amargura, dilecta senhora em Cristo, alegria dos anjos e coroa das irmãs.

<sup>12</sup> Fixa o teu olhar no espelho da eternidade, deixa a tua alma banhar-se no esplendor da glória <sup>13</sup> e une o teu coração Àquele que é encarnação da essência divina, para que, contemplando-O, te transformes inteiramente na imagem da sua divindade (cf. Heb 1, 3; 2 Cor 3, 18).

<sup>14</sup> Assim, também tu poderás experimentar o que só os amigos podem sentir quando saboreiam a doçura escondida que Deus reserva desde toda a eternidade àqueles que O amam. <sup>15</sup> Despreza tudo o que neste mundo de enganos e perturbações cega o coração dos homens e <sup>16</sup> ama de todo o coração Aquele que se entregou por teu amor e cuja beleza o sol e a lua contemplan. A grandeza e a abundância das suas recompensas não tem limites. <sup>17</sup> Ama, repito, Aquele Filho do Deus altíssimo nascido da Virgem que O concebeu sem deixar de ser virgem. <sup>18</sup> Vive unida à Mãe dulcíssima que deu à luz o Filho que nem os céus puderam conter. <sup>19</sup> E, todavia, ela o levou no pequeno claustro do seu ventre sagrado e o formou no seu seio de donzela.

<sup>20</sup> Quem não se revolta de indignação ao presenciar a astúcia do inimigo do género humano que usa o luxo efémero e a vanglória para reduzir a nada o que de maior há no Céu? <sup>21</sup> Creio firmemente que, pela graça de Deus, a alma fiel se torna a mais digna de todas as criaturas, mesmo maior que o Céu. <sup>22</sup> Só a alma crente se transforma em sua mansão e seu trono pela caridade de que estão privados os ímpios. <sup>23</sup> É a Verdade que o testemunha: "Quem me ama será amado por meu Pai, Eu o amarei e viremos a Ele e faremos nele a nossa morada" (Jo 14, 21. 23).

<sup>24</sup> Tal como a Virgem das virgens O trouxe materialmente no seu seio, <sup>25</sup> assim também tu O podes trazer, sem dúvida alguma de maneira espiritual, no teu corpo casto e virginal, seguindo as suas pegadas, sobretudo a sua humildade e pobreza. <sup>26</sup> Desta maneira poderás conter Aquele que a ti e a todas as criaturas contém e possuir plenamente o bem mais precioso, comparado com as riquezas transitórias deste mundo. <sup>27</sup> Muitos reis e rainhas deste mundo deixam-se enganar. <sup>28</sup> Pensam que podem conquistar o Céu com o seu orgulho. No fim acabam reduzidos à podridão.

<sup>29</sup> Mas não quero terminar sem dar resposta à questão que, em caridade, me puseste, sobre o jejum e as festas em que podemos variar a nossa alimentação. <sup>30</sup> Como sabes, o glorioso Pai São Francisco permitiu que celebrássemos as festas da sua especial devoção, com uma alimentação mais variada. Em todos os outros dias, mesmo em dias de festa, as irmãs que gozam de boa saúde, devem tomar as refeições como nos dias de Quaresma. <sup>31</sup> As irmãs fracas e doentes estão dispensadas destas normas e segundo o santo Pai nos exortou a fazer, devemos servir-lhes sempre uma alimentação variada. <sup>32</sup> Portanto, o nosso jejum deve ser sempre rigoroso, excepto aos Domingos e no dia de Natal, nos quais podemos tomar duas refeições. <sup>33</sup> Nas quintas-feiras do tempo comum o jejum fica ao critério de cada uma. <sup>34</sup> A que não quiser não está obrigada a jejuar. <sup>35</sup> Mas nós, as que gozamos de boa saúde jejuamos todos os dias, excepto aos Domingos e no dia de Natal. <sup>36</sup> Um escrito de São Francisco dispensa-nos do jejum no dia de Páscoa, nas festas de Nossa Senhora e dos Apóstolos, desde que estas não se celebrem numa sexta-feira. <sup>37</sup> No entanto, nós, as saudáveis e fortes, tomamos sempre as refeições próprias da Quaresma.

<sup>38</sup> Mas lembra-te, querida irmã, que não temos um corpo de ferro, nem a solidez do granito (cf. Jb 6, 12).

<sup>39</sup> Antes pelo contrário somos fracas e propensas a toda a espécie de fragilidades. <sup>40</sup> Por isso, peço-te ardentemente no Senhor que diminuas um pouco a austeridade que a ti mesma te impuseste e que eu sei ser demasiado rigorosa. <sup>41</sup> Rogo-te que louves o Senhor com a tua vida e te ofereças a Ele em holocausto racional (Rm 12, 1), amenizando, no entanto, com o sal da prudência.

<sup>42</sup> Que o Senhor te conceda tanta saúde como eu desejo para mim própria. Lembra-te de mim e das minhas irmãs nas tuas santas orações.



## QUARTA CARTA DE SANTA CLARA A INÊS DE PRAGA (4CCL)

### **Introdução**

*A quarta e última carta foi escrita por Clara no ano de 1253, uns meses antes de morrer, pois já tinha regressado a São Damião a sua irmã Inês de Assis (38). Pressentindo o seu fim, tira da sua requintada sensibilidade os acentos mais ternos, para exprimir o seu carinho a Inês. Toda a carta está repassada de afecto, de intimidade, de transparência espiritual. Como quem contempla de perto o trono de Deus, dessa margem do mar de cristal, canta e convida todas as virgens a entoar o Cântico Novo do Cordeiro (1-2. 8). Cordeiro Imaculado! Este é o título preferido para o Esposo, dando uma coloração pascal a toda a carta. As lágrimas consomem-se no ardor do amor, o olhar está a ponto de consumir-se no abraço.*

*Clara entoa o seu cântico novo, ao descrever os feitos do Esposo: o Cordeiro que quebra os selos, o Espelho que revela a eternidade, o Amado que reveste da formosura e felicidade. Canta ao motivar os sentidos espirituais receptores da presença, especialmente o tacto, o gosto, o olfacto e a vista. E cantando ergue-se na onda do ritmo poético (9-14).*

*O tema nupcial tão explícito na primeira carta, que foi avançando com o clamor de Raquel (2 CCL 1. 11) e com a união à Rainha Mãe (3 CCL 18) repousa por fim no beijo e abraço da Esposa do Cântico dos Cânticos (30-32).*

*Amplia-se a instrução sobre a contemplação amorosa e transfigurante do Espelho, que começou na 3 CCL 1. 12 e foi desenvolvido no Testamento de Clara (19-21):*

*1 – Cristo, espelho da própria consciência. Nele deve ver Inês o seu rosto, para se tornar formosa com a formosura do Senhor. No olhar vai a plenitude harmoniosa do ser.*

*2 – Cristo, espelho da eternidade. No olhar vai a plenitude da fé. As três partes do espelho são como o eixo – verdadeira escada de Jacob, diríamos – desde o despojamento de Belém até ao incêndio do Amor crucificado e glorioso. Os panos, o presépio, as privações e a cruz estão a mostrar a humildade, a pobreza, a despropriação e o amor até ao extremo.*

*3 – A Mãe dulcíssima, a que ama, acompanha e cuida, reaparece no começo do espelho. Unidos a ela, contemplam-se e interiorizam-se os mistérios de Jesus Cristo.*

*Agonizar e abraçar-se, suspirar e gritar... Submergir-se na contemplação e interceder. Clara já não tem palavras... Apropria-se das do Cântico dos Cânticos (30-32). Apenas consegue balbuciar, quando tenta exprimir o incêndio, a doçura, a violência do desejo ar-*

*dente, a experiência mística e inefável, que inunda todo o seu ser. Como teme não saber o que diz, pede a Inês que receba com benignidade e piedade o que proferiu a balbuciar (37).*

*Reiteram-se as recomendações de mútua oração, que são mais longas que outras vezes. Como é habitual nas cartas de Clara, o final refere o tema do começo. Se desejava o Cântico Novo diante do trono de Deus, termina com um "adeus" que sela a despedida "até ao trono de Deus" (3. 39).*

*Esta belíssima carta mostra a ardente caridade de Clara, o seu puríssimo e entranhável afecto, que abraça quantos entram em relação com ela. Embora estivesse muito doente, continua a esquecer-se de si para estar atenta a todos: a Inês e às "suas filhas" de São Damião, e também aos frades mensageiros, Amado e Bonagura. Recomenda-os à caridade de Inês... por serem "queridos de Deus" e muito apreciados por elas (40).*

## TEXTO

<sup>1</sup> Àquela que é a metade da minha alma e escrínio singular da minha afeição, à ilustre rainha e senhora Inês, esposa do Rei eterno, sua mãe caríssima e filha entre todas preferida, <sup>2</sup> Clara, indigna serva de Cristo e inútil servidora das servas que vivem no mosteiro de São Damião, <sup>3</sup> deseja saúde e a ventura de poder cantar com as demais virgens o cântico novo diante do trono de Deus e do Cordeiro (Ap 5, 9) e de seguir o Cordeiro para onde quer que vá (Ap 14, 4).

<sup>4</sup> Não te cause estranheza, querida mãe e filha, esposa do Rei de todos os séculos, que eu não tenha escrito tantas vezes quantas o desejava o coração. <sup>5</sup> E não penses, sobretudo, que por isso o fogo de amor por ti esmoreceu no coração de tua mãe. <sup>6</sup> O problema é a falta de mensageiros e os enormes perigos dos caminhos. <sup>7</sup> Nesta ocasião em que me é possível escrever, alegro-me e exulto no Espírito Santo (1Ts 1, 6), <sup>8</sup> porque tal como a outra virgem, Santa Inês, desposaste o Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo, depois de renunciarestes a todas as vaidades mundanas (Jo 1, 29).

<sup>9</sup> Feliz daquela a quem foi  
dado gozar desta íntima união,  
e que aderiu com todas as fibras do seu coração

<sup>10</sup> Àquele cuja beleza  
é contemplada por todos os santos  
do exército celeste,

<sup>11</sup> cujo amor nos encanta,  
cuja contemplação nos vivifica,  
cuja bondade e benignidade nos basta,

<sup>12</sup> A sua doçura satisfaz-nos plenamente  
e a sua recordação ilumina-nos com suavidade.

<sup>13</sup> O seu odor ressuscita os mortos,

e a sua visão beatífica  
santifica os habitantes da Jerusalém celeste.  
<sup>14</sup> Ele é o esplendor da eterna glória (cf. Heb 1, 13),  
a luz da eterna luz,  
o espelho sem mancha (cf. Sb 7, 26).

<sup>15</sup> Contempla diariamente este espelho, ó rainha e esposa de Jesus Cristo. <sup>16</sup> Observa nele o teu rosto para que a grande variedade de virtudes <sup>17</sup> que embeleza o teu interior e exterior, seja como manto de flores, tal como convém à filha e esposa do Rei supremo. <sup>18</sup> Neste espelho poderás contemplar, com a graça de Deus, como resplandece a bem-aventurada pobreza, a santa humildade e a inefável caridade.

<sup>19</sup> Contempla, no princípio deste espelho, a pobreza, pois está colocado no presépio e envolto em paninhos (cf. Lc 2, 7). <sup>20</sup> Oh maravilhosa humildade! Oh admirável pobreza! <sup>21</sup> O Rei dos anjos, o Senhor do Céu e da terra reclinado num presépio! <sup>22</sup> Ao centro deste espelho considera a humildade e a santa pobreza. Quantas tribulações e sofrimentos não suportou para resgatar o género humano! <sup>23</sup> E no fim deste espelho contempla a inefável caridade que O fez sofrer no patíbulo da Cruz a morte mais infame. <sup>24</sup> Suspenso da árvore da Cruz, este espelho adverte os transeuntes: <sup>25</sup> "Vós que passais, contemplai e vede se há dor semelhante à minha" (Lm 1, 12). <sup>26</sup> Respondamos com uma só voz e um só espírito a este grito de dor: "A pensar nisto sem cessar, minha alma desfalece dentro de mim" (Lm 3, 20). <sup>27</sup> Desta maneira o teu coração se inflame duma caridade cada vez mais forte, ó rainha do Rei celeste.

<sup>28</sup> Contempla, além disso, as inefáveis delícias, as suas eternas riquezas e honras <sup>29</sup> e exclama suspirando, plena de anseios e com profundo amor:

<sup>30</sup> Atrai-me a Ti  
e correrei ao odor dos teus perfumes,  
ó celeste Esposo.

<sup>31</sup> Correrei sem desfalecer,  
até que me introduzas na sala do festim,

<sup>32</sup> até que a minha cabeça  
repouse sobre a tua mão esquerda,  
e a tua direita me abrace com ternura  
e me beijes com o ósculo suavíssimo da tua boca  
(cf. Ct 1, 3. 2, 4-6; 1, 1).

<sup>33</sup> Nesta contemplação não esqueças a tua pobre  
mãe. <sup>34</sup> Tenho-te presente no meu coração, duma ma-  
neira muito especial, como a mais querida de todas.

<sup>35</sup> Que mais dizer? Que faça silêncio a linguagem da  
carne e dê lugar à do espírito acerca da minha afeição  
por ti, filha bendita. A linguagem dos sentidos só muito  
imperfeitamente pode manifestar o amor que sinto por ti.

<sup>36</sup> Sê, pois, benevolente e aceita com humildade esta  
expressão de afeição maternal. <sup>37</sup> Todos os dias penso  
em ti e tuas filhas, às quais me recomendo, juntamente  
com minhas irmãs. <sup>38</sup> Da mesma maneira as minhas  
filhas e especialmente a virgem prudentíssima Inês,  
minha irmã, se recomendam tanto quanto podem a ti e  
às tuas filhas em Cristo.

<sup>39</sup> Saudações para ti, filha caríssima e para tuas fi-  
lhas. Adeus, até à glória do trono do grande Deus. Rezai  
por nós.

<sup>40</sup> Recomendo à tua caridade, duma maneira especi-  
al, os portadores desta carta, Frei Amado, querido de  
Deus e dos homens e Frei Bonagura

## CARTA DE SANTA CLARA A ERMENTRUDIS DE BRUGES (5CCL)

### **Introdução**

*É a missiva mais breve, embora se considere como fusão de duas cartas. O espaço cronológico em que Ermentrudis pôde manter correspondência com Clara é de 1240 a 1253.*

*A carta começa com uma apresentação bastante sóbria, em comparação com as dirigidas a Inês. O tratamento de cortesia pode indicar um primeiro contacto.*

*O corpo da carta tem um estilo exortativo muito directo e acumula citações ao jeito de sentenças de sabedoria. Com a recomendação de meditar os mistérios da Paixão, menciona a Mãe Santíssima. Recomenda a perseverança na pobreza e humildade, o discernimento. Estabelece-se aquela conhecida oposição entre as aparências enganosas e a coroa de imortalidade, entre o fugaz e o eterno. Todos estes temas são familiares na pena de Clara, mas aparecem como descarnados. Não notamos aqui a vibração e a exuberância afectuosa de Clara.*

*À despedida, recomenda-se à mútua oração. Procurando a relação habitual entre a conclusão e o começo da carta, não é preciso forçar muito para aproximar a exortação da fidelidade, com o desejo de se observar mais facilmente a Lei de Jesus Cristo (17).*

## TEXTO

<sup>1</sup> Clara de Assis, humilde serva de Jesus Cristo, deseja saúde e paz a Ermentrudis, sua querida irmã.

<sup>2</sup> Soube, querida irmã, que, com o auxílio da graça de Deus, abandonaste o lodo deste mundo. <sup>3</sup> Para mim isso é causa de grande alegria e felicidade. Também me alegro ao saber que entraste corajosamente, com tuas filhas, no caminho da santidade.

<sup>4</sup> Sê fiel, querida irmã,  
Àquele a quem prometeste fidelidade até à morte,  
porque um dia receberás a coroa da vida.

<sup>5</sup> Breve é a nossa labuta neste mundo,  
mas eterna será a recompensa;  
Não te seduzam os esplendores deste mundo,  
que desaparecem como sombra;

<sup>6</sup> Não te encandeies  
com as aparências enganadoras do século,  
nem dêes ouvidos aos ruídos do maligno,  
resiste energicamente às suas tentações;

<sup>7</sup> Suporta com alegria as adversidades,  
e não te envaideças na prosperidade;  
A fé faz-nos humildes nos sucessos  
e impassíveis nas adversidades;

<sup>8</sup> Sê fiel no que a Deus prometeste,  
e Ele mesmo te dará a recompensa.

<sup>9</sup> Olha, caríssima, o Céu que nos convida,  
toma a tua cruz e segue a Cristo que nos precedeu;

<sup>10</sup> Depois de muitas tribulações,  
Ele nos introduzirá na glória.

<sup>11</sup> Ama de todo o coração a Deus e a Jesus Cristo seu Filho crucificado por causa dos nossos pecados, e

que a sua memória jamais se apague no teu espírito.  
<sup>12</sup> Medita sempre o mistério do Calvário e os sofrimentos da Mãe ao pé da Cruz. <sup>13</sup> Ora e vigia sempre. <sup>14</sup> Leva a cabo com persistência a obra começada e cumpre, em santa pobreza e sincera humildade, o ministério que assumiste. <sup>15</sup> Nada temas, querida filha. Deus é fiel em todas as suas palavras e obras e derramará as suas bênçãos sobre ti e tuas filhas. <sup>16</sup> Ele será o teu auxílio e a melhor consolação. Ele é o nosso redentor e a nossa recompensa.

<sup>17</sup> Rezemos a Deus uma pela outra. Assim, levando cada uma o fardo da outra, mais fielmente cumprimos a lei de Cristo. Ámen.

## BENÇÃO DE SANTA CLARA (BCL)

### **Introdução**

*O original mais antigo até hoje encontrado remonta a 1393. Está escrito em alemão medieval e nele a benção é dirigida a Inês de Praga. Foi publicado por Seton<sup>1</sup>. Um outro original antigo apresenta a benção em latim e dirigida a Ermentrudis de Bruges. Num outro texto antigo a benção aparece dirigida a todas as irmãs. É bem possível que Santa Clara na hora da morte tivesse usado uma fórmula para todas as irmãs, derivada da que já usara para algumas irmãs em particular. Mas pode ser que desde o princípio a benção tenha sido composta para todos os mosteiros. Na Legenda podemos ler: "Omnibus dominabus monasteriorum pauperum tam praesentibus quam futuris largam benedictionis gratiam imprecamur".*

*É de notar que Santa Clara, tal como São Francisco nos Louvores a Deus para Frei Leão, usa a fórmula bíblica do Livro dos Números.*

*Apresentamos a tradução da benção a todas as irmãs, tendo por base o texto dos Opuscula.*

---

<sup>1</sup> Cf. FF 2, p. 117.

## TEXTO

<sup>1</sup> Em nome do Pai,  
do Filho e do Espírito Santo. Amém.  
<sup>2</sup> O Senhor vos abençoe e vos guarde,  
<sup>3</sup> vos mostre o seu rosto  
e se compadeça de vós.  
<sup>4</sup> Volte para vós a sua face  
e vos dê a paz (Num 6, 24)  
a vós, minhas irmãs e filhas,  
<sup>5</sup> e a todas as que no futuro  
hão-de pertencer à nossa fraternidade,  
e a todas as outras que em toda a Ordem  
perseverem na santa pobreza.  
<sup>6</sup> Eu, Clara,  
serva de Nosso Senhor Jesus Cristo,  
plantazinha do nosso pai São Francisco,  
irmã e mãe vossa e de todas as Irmãs Pobres,  
ainda que indigna, <sup>7</sup> suplico  
pela misericórdia de Nosso Senhor Jesus Cristo,  
e pela intercessão de sua Mãe Maria Santíssima,  
de São Miguel Arcanjo,  
de todos os santos anjos de Deus,  
e de todos os santos e santas,  
<sup>8</sup> que o Pai Celeste vos dê e confirme  
esta santíssima benção no Céu e na terra:  
<sup>9</sup> que na terra vos multiplique  
na sua graça e virtude,  
entre os servos e as servas da Igreja militante;  
<sup>10</sup> e no Céu vos glorifique e exalte,  
entre os seus santos e santas da Igreja triunfante.  
<sup>11</sup> E vos abençoo  
durante a minha vida e depois da minha morte,  
quanto posso e mais do que posso,

<sup>12</sup> com todas as bênçãos  
que o Pai das misericórdias (2 Cor 1, 3)  
concedeu ou venha a conceder  
aos seus filhos e filhas espirituais,  
no Céu e na terra,

<sup>13</sup> e com as quais um pai ou mãe espiritual  
abençoa e abençoará  
seus filhos e filhas espirituais.  
Assim seja.

<sup>14</sup> Amai sempre a Deus,  
a vossas almas e a vossas irmãs.

<sup>15</sup> Sede solícitas em cumprir  
o que prometestes ao Senhor.

<sup>16</sup> O Senhor esteja convosco  
e faça que vivais sempre  
em união com Ele.

Ámen.

## QUADRO CRONOLÓGICO COMPARADO

Vida de São Francisco e dos Franciscanos	Vida de Santa Clara e das Irmãs Clarissas
<p>1182- Nascimento de São Francisco.</p> <p>1202-04- Francisco é feito prisioneiro em Perúcia.</p> <p>1206- Conversão de Francisco.</p> <p>1207- Restauração da Capela de São Damião.</p> <p>1210- Francisco vai a Roma: aprovação oral da Regra, Os frades instalam-se na Porciúncula.</p> <p>1211- Francisco projecta uma missão à Síria.</p> <p>1213- Incerteza de Francisco sobre a sua vocação; consulta Fr. Silvestre e Clara. Francisco recebe o Monte Alverne do Conde Orlando di Chiusi.</p>	<p>1193/4 – Nascimento de Santa Clara..</p> <p>1210- Encontro entre Francisco e Clara.</p> <p>1211- Conversão de Clara.</p> <p>1212- No dia 28d e Março, Clara recebe o ramo de oliveira das mãos do Bispo. Na madrugada seguinte foge para a Porciúncula. Estadia em Bástia e em Santo Angelo de Panzo. A 3-4 de Abril a sua irmã Inês deixa a casa dos pais. Em fins de Abril, Clara instala-se em São Damião.</p>

<p>1215- Hipotético encontro entre Francisco e Domingos de Gusmão.</p> <p>1216-Honório III concede a indulgência da Porciúncula.</p> <p>1217- Capítulo das Esteiras.</p> <p>1219-20- Francisco no Egipto e Terra Santa.</p> <p>1220- Mártires de Marrocos</p> <p>1220-1221- Fr. Pedro Catani, Ministro Geral.</p> <p>1221- Morre Fr. Pedro Catani. Fr. Elias é eleito ministro geral (1221-1227).</p> <p>Capítulo Geral (30 de Maio), Primeira Regra dos Frades Menores. Nasce Boaventura de Bagnoregio.</p> <p>1223- Segunda Regra dos Frades Menores; Natal de Grécio.</p> <p>1224- Estigmas de São Francisco.</p> <p>1225-Composição do Cântico das Criaturas em São Damião.</p> <p>1226- Morte de São Francisco.</p>	<p>1212-1215- Forma de Vida dada por Francisco a Clara.</p> <p>1215- Francisco obriga Clara a aceitar o título de abadessa.</p> <p>1216- Privilégio da Pobreza aprovado por Inocêncio III.</p> <p>1217- Primeiros contactos de Hugolino com as irmãs de São Damião.</p> <p>1218- Regra de Hugolino.</p> <p>1218-1220- O Cardeal Hugolino é nomeado Protector das Clarissas.</p> <p>1219- Fr. Ambrósio, cisterciense é nomeado primeiro Visitador das clarissas. Fr. Filipe Longo é nomeado primeiro Visitador franciscano das clarissas.</p> <p><i>1220- Fr. Ambrósio, é de novo nês de Assis vai para Monticelli</i></p> <p>1225- Início da doença de Clara.</p> <p>1226-Fr. Pacífico é nomeado Visitador das Clarissas. Entrada</p>
--	--

<p>1227-1232- Fr. João Parente é Ministro Geral.</p> <p>1228- Canonização de São Francisco.</p> <p>1230- Trasladação do corpo de São Francisco para a Basílica Maior.</p> <p>1231- Morte de Santo António em Arcella, no hospício das clarissas. Morte de Isabel da Hungria.</p> <p>1232-1239- Frei Elias reeleito Ministro Geral.</p> <p>1239-1240- Fr. Alberto de Pisa, Ministro Geral.</p> <p>1240-1244- Fr. Haymon de Faversham.</p>	<p>de Hortulana, mãe de Clara, em São Damião. “Última vontade de São Francisco.</p> <p>1227- A assistência espiritual das clarissas é confiada ao Ministro Geral.</p> <p>1227-1261- Cardeal Reinaldo é nomeado Visitador das clarissas.</p> <p>1228- Confirmação do Privilegio da Pobreza por Gregório IX. Fundação do mosteiro de Pamplona, o primeiro fora da <del>1228</del>.</p> <p>1246- Fr. Filipe Longo é nomeado pela Segunda vez, Visitador das clarissas.</p> <p>1229- Entrada de Beatriz, irmã de Clara, em S. Damião.</p> <p>1230- Santa Clara protesta contra a proibição de os frades visitarem as irmãs sem autorização papal.</p> <p>1234- 1ª carta a Inês de Praga.</p> <p>1234- 2ª carta a Inês de Praga.</p> <p>1235- Envio das irmãs à Alemanha e Boémia.</p> <p>1237-1238- 3ª Carta a Santa Inês.</p> <p>1240- Ataque dos Sarracenos a São Damião.</p> <p>1241- Libertação de Assis.</p>
--	---

<p>1247-57- Fr. João de Parma é Ministro Geral.</p>	<p>1247- Regra de Inocência IV. Redacção do Testamento. Clara começa a escrever a sua regra.  1248- O Cardeal Reinaldo é nomeado protector das clarissas.  1252- A 16 de Setembro o Cardeal Reinaldo aprova a regra de Santa Clara.  1253- Inês, Irmã de Clara, regressa a São Damião; 4ª carta de Clara a Inês de Praga; Inocência IV visita Clara por duas vezes (Abril e Agosto). Aprovação da regra de Santa Clara por Inocência IV, a 9 de Agosto.  Morte de Santa Clara a 11 de Agosto. Morte de Inês a 16 de Novembro. Bartolomeu de Espoleto inicia o Processo de canonização de Santa Clara.</p>
<p>1254- Primeira condenação dos espirituais.</p>	<p>1255- Canonização de Santa Clara (15 de Agosto). Celano começa a escrever a Legenda de Santa Clara.</p>
<p>1257-1274- São Boaventura é Ministro Geral.</p>	<p>1260- Trasladação do corpo para a Basílica de Santa Clara. A comunidade de São Damião passa para o Mosteiro de Assis.  1263-Aprovação da regra de Isabel de França; Regra de Urbano IV.  1280- Morte de Inês de Praga.  1850- Descoberta do corpo de</p>

	<p>Santa Clara (30 de Agosto). Abertura do sarcófago (30 de Outubro)</p> <p>1852- Trasladação do corpo de Santa Clara.</p> <p>1874- Beatificação de Inês de Praga por Pio IX.</p> <p>1893- Descoberta do original da Regra de santa Clara.</p> <p>1976-Encontra-se o escrito de São Francisco a santa Clara e suas irmãs. “Audite Poverelle”.</p> <p>1989- A 12 de Novembro é canonizada santa Inês de Praga, por João Paulo II.</p>
--	--

## OBRAS MAIS CITADAS

- FONTES FRANCISCANAS I S. FRANCISCO DE ASSIS, *Escritos, Biografias, Documentos*, 2ªed. Ed. Franciscana, Braga, 1994
- FONTES FRANCISCANAS II, SANTA CLARA DE ASSIS, *Escritos, Biografias, Documentos*, Trad. Int. not. e índices de Fr. José António Correia Pereira. E Ir. Victoria Triviño, Ed. Franciscana, Braga, 1996
- ESSER. K. *Gli Scritti di S. Francesco D'Assisi*, nuova edizione crítica e versione italiana, Ed. Messagero Padova, 1982
- IRIARTE, L. *Escritos de San Francisco Y Santa Clara de Asís*, 4ª ed. Valentia, 1999
- LEHMANN, L. *Das testament eines Armen, Die Schriften des Franz von Assisi*, Werl, 1999. Citamos como Lehmann